



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA**

LARISSA LORRANA AUGUSTO SOUSA

**ALFABETIZAR E LETRAR: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS EM TURMA DE
ALFABETIZAÇÃO**

**BRASÍLIA,
2019**

LARISSA LORRANA AUGUSTO SOUSA

**ALFABETIZAR E LETRAR: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS EM TURMA DE
ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

BRASÍLIA,

2019

Sousa, Larissa Lorrana Augusto

Alfabetizar e letrar: experiências significativas em turma de alfabetização / Larissa Lorrana Augusto Sousa; orientador Paula Cobucci. -- Brasília, 2019. 104 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Práticas bem-sucedidas.
I. Cobucci, Paula, orient. II. Título.

LARISSA LORRANA AUGUSTO SOUSA

ALFABETIZAR E LETRAR: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS EM TURMA DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Data da aprovação: ___ / ___ / 2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Etienne Baldez (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Paula Gomes de Oliveira (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Solange Alves (Suplente)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

*Dedico este trabalho a meus pais e a minha
irmã, que sempre acreditaram na minha
potencialidade de ser uma educadora, e a
todas as crianças que me permitiram
vivenciar a certeza dessa profissão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por Seu imenso Amor e Misericórdia, que me permitiram concluir mais uma etapa importante da minha vida. Sem Ele nada disso seria possível.

Aos meus pais, Fátima e Raimundo, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e acreditando no meu potencial, além de compreenderem com muito carinho minha ausência em momentos importantes.

À minha irmã, Júllia, por ser a criança mais incrível que eu já conheci e por ser a razão da inspiração por essa profissão tão linda.

A meu amor, Nicolás, pelo companheirismo, paciência, dedicação, amor e cuidados dedicados a mim. Agradeço também por sempre ser calma em momentos tão difíceis, por trazer de volta esperança e fé na pessoa que sou.

À minha tão querida orientadora, Paula Cobucci, por ter feito parte da construção de um trabalho tão lindo. Agradeço por ter acreditado em mim, no meu tempo de escrita, e por todos os momentos de compreensão e carinho.

À Marcella, que além de amiga foi uma companheira nesta jornada de trabalho. Agradeço pelo apoio e compreensão, por todo auxílio e palavras de carinho.

Às minhas amigas de Faculdade, Gabriela, Luanna, Marcelle, Vanessa, Lisandra e Dayana, que estiveram comigo em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins, dando força, apoio e carinho para seguir em frente. Sem elas a caminhada não teria sido tão significativa.

À professora colaboradora da pesquisa, por me permitir adentrar sua sala de aula e vivenciar algumas de suas rotinas com as crianças. Agradeço também às crianças, por me receberem tão bem e pelos laços que juntos construímos.

“[...] alfabetizadores precisam conhecer os caminhos da criança para orientar seus próprios passos e os passos da criança.” (Magda Soares, 2016)

RESUMO

A pesquisa a seguir objetiva identificar práticas de alfabetização e letramento consideradas como bem-sucedidas em turma de alfabetização. Para tanto, práticas bem-sucedidas serão consideradas práticas que representem experiências significativas no ensino e aprendizagem de alfabetização e letramento para crianças que se encontram no primeiro ano do Ensino Fundamental. Para isso será preciso identificar concepções pedagógicas, considerar o desenvolvimento de diferentes práticas em sala de aula e indicar por que são entendidas como práticas bem-sucedidas. O primeiro capítulo do trabalho consiste em pesquisas bibliográficas acerca de teorias e fundamentos que tratem alfabetização e letramento, a importância da leitura e da escrita, o papel da escola, da família e a relação professor-aluno. O segundo capítulo trata de uma busca por autores que signifiquem boas práticas de alfabetização e letramento. Em seguida, expõe-se uma contextualização da pesquisa seguida da análise de dados. Esta pesquisa é, portanto, qualitativa, os instrumentos utilizados são: pesquisas bibliográficas, questionário e entrevista semiestruturada e a realização de observações em sala de aula. Ao longo do processo, foi possível conhecer diversas propostas que podem contribuir para a alfabetização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental e observar, na prática, como a professora colaboradora desta pesquisa desenvolve contribuições significativas de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento com crianças em turmas de alfabetização. Considera-se que este trabalho pode trazer contribuições significativas para estudantes de pedagogia, pedagogos e futuras alfabetizadoras e alfabetizadores, por apresentar práticas que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento; Ensino; Práticas bem-sucedidas.

ABSTRACT

This research aims to identify literacy practices considered to be successful in a literacy class. In this text, successful practices are considered practices that represent significant experiences in teaching and learning literacy for children in the first year of elementary school. For this, it will be necessary to identify pedagogical conceptions, consider the development of different classroom practices and indicate why they are understood as successful practices. The first chapter of the work consists of bibliographical research on theories and foundations that deal with literacy and literacy, the importance of reading and writing, the role of school, family and the teacher-student relationship. The second chapter deals with a search for authors that signify good literacy practices. Then, we expose a contextualization of the research followed by data analysis. This research is therefore qualitative, the instruments used are: bibliographic research, questionnaire and semi-structured interview and the observation of classroom. Throughout the process, it was possible to know several proposals that can contribute to the literacy of children in the early years of elementary school and observe, in practice, how the collaborating teacher of this research develops significant contributions of teaching and learning of literacy and literacy with children in classroom. It is considered that this work can make significant contributions to pedagogy students, educators and future literacy teachers, by presenting practices that can be developed in the classroom.

Keywords: Literacy; Teaching and learning; Successful practices.

SUMÁRIO

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	9
PARTE II – MONOGRAFIA	18
INTRODUÇÃO	18
1. O QUE É ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?	21
1.1 A importância da leitura e da escrita	25
1.2 O papel da escola nesse processo de aprendizagem	28
1.3 Relação professor-aluno e seus desafios no processo de alfabetização e letramento	30
1.4 A relação família e escola no processo pedagógico de alfabetização da criança	34
2. PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO	37
2.1 A prática da leitura e da produção de textos	39
2.2 Aspectos fonológicos das palavras	40
2.3 A importância de palavras estáveis	41
2.4 O alfabeto móvel	43
2.5 A utilização de textos poéticos da tradição popular	44
2.6 O uso de jogos	46
2.7 A leitura deleite	48
2.7.1 Contação de histórias	49
2.8 Sequência didática	50
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	52
3.1 Questão de pesquisa	52
3.2 Objetivo geral	52
3.3 Objetivos específicos	52
3.4 Justificativa	53
3.5 Metodologia	55
3.6 Contextualização da escola colaboradora da pesquisa	56
3.6.1 Perfil da professora	57
3.6.2 Perfil da turma observada	59
4. A PRÁTICA DE ALFABETIZAR E LETRAR EM SALA DE AULA E NOS ESPAÇOS GERAIS DA ESCOLA	63
4.1 Práticas rotineiras em sala de aula	64
4.2 Outras práticas pedagógicas bem-sucedidas de alfabetização e letramento	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
BIBLIOGRAFIAS	91
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	96
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	99
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	100
APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS	101
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	102

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Larissa, nasci no dia 26 de setembro de 1997 na cidade do Gama, Distrito Federal. Sou filha da Fátima e do Raimundo, uma paraibana e um piauiense. Meus pais são casados há 24 anos, quando eu nasci minha mãe tinha apenas 18 anos, eles já eram casados há quase 2 anos. Minha mãe sempre conta que fui esperada com muita ansiedade e carinho, apesar de jovens, meus pais sempre receberam apoio para que eu pudesse ter tudo aquilo que fosse necessário para a minha chegada. Toda a minha família, materna e paterna, são de origens muito humildes, ambas as famílias vieram do Nordeste para Brasília em busca de melhores condições de vida. Atualmente, meus pais não possuem ensino superior, minha mãe trabalha como copeira, e meu pai como zelador em um prédio da Asa Sul, mas, vivemos bem e nunca nada nos faltou, graças a Deus!

Fui filha única por muito tempo, mas eu sempre me sentia muito sozinha, e por isso, vivia implorando por um irmão, e então, quando eu tinha 14 anos nasceu uma das maiores alegrias da minha vida, minha irmã Júllia. Até hoje eu sinto que ela veio para nos completar, trouxe paz e harmonia, tornou nossa família muito melhor do que ela já era. Minha irmã é muito carinhosa e tem um lindo coração, ela é uma das inspirações que me trouxe até a Pedagogia.

Eu sempre fui uma criança muito tímida, nunca tive muitos amigos na escola, e isso me faz ter recordações especial de todos eles. Comecei a estudar com 4 anos, minha mãe precisava trabalhar e por isso me colocou em uma creche que ficava próxima a nossa casa, era um lugar muito simples e pequeno, não tenho muitas recordações, apenas lembro dos momentos de recreação e apresentação de datas comemorativas, isso é muito fixo em minha memória. Lembro que gostava muito da professora, ela era muito carinhosa e gentil, construímos laços de amizade mesmo depois de sair da escola. Estudei nessa creche por apenas um ano, logo depois eu e meus pais precisamos nos mudar para uma cidade no entorno do Distrito Federal, mudamos em março, logo no início do ano, isso significou um problema nos meus estudos, pois nessa época do ano minha mãe já não conseguiu mais vaga em nenhuma escola pública, e infelizmente não tinha condições de me matricular em uma particular, sendo assim, fiquei um ano inteiro sem ir à escola. No ano seguinte

ingressei no Jardim II (atual 1º ano), em uma escola particular bem pequena, porém, conhecida na região, consegui uma bolsa e meus pais pagavam mais barato. Essa escola era bem parecida com a antiga creche, era uma casa que foi adaptada para ser escola, eu lembro que as salas eram pequenas, mas a mobília era completamente adaptada para nós que éramos pequenos, foi lá que eu comecei a ser alfabetizada, lembro-me claramente dos teatros que a professora fazia para apresentar a família de cada letra, e eu adorava. Uma das coisas que mais me marcaram durante esse período foi quando a professora encenou um teatro para nos ensinar que antes de P e B sempre se usa a letra M, ela contou que o M era uma letra muito sozinha, e que um dia teve uma briga muito feia com todas as letras do alfabeto, e apenas as letras P e B ficaram do lado dela dando apoio e amizade, sendo assim, essas tornaram-se suas únicas amigas, por isso passou a andar apenas com elas, estava sempre acompanhada de suas amigas P e B. Isso me marcou de uma forma inesquecível, a partir desse dia aprendi essa regra da Língua Portuguesa, a história pode ter sido um pouco confusa e contada no sentido literal, mas acredito que a professora tentou nos ensinar de uma maneira lúdica algo que pudesse ser significativo em nós, e em mim se concretizou.

Nesse período tive experiências muito positivas para meu aprendizado, comecei a construir em mim o papel de uma aluna dedicada e comprometida com os estudos, a professora sempre usava meus livros e cadernos como exemplo de capricho e dedicação, e isso me motivava a ser sempre melhor. Fiz amigos que até hoje mantenho contato, um deles é meu atual namorado, a pessoa que encontrei nesse período da vida e que tive o prazer de reencontrar depois. Acreditamos que nossa história começou aí!

No ano seguinte ingressei na 1ª série (2º ano), porém, em uma escola pública mais perto de casa. Essa escola era diferente de todas as outras que eu já tinha conhecido, era uma escola muito grande e com muitos espaços diversificados, incluindo pátio, cantina, quadras de esportes e salas mais amplas. Estudei nessa escola por 5 anos, fiquei lá até a 5ª série (6º ano), durante esse tempo tive professoras maravilhosas, que serviram de grande exemplo para que inclusive, eu escolhesse minha futura profissão. Eu sempre fui uma aluna dedicada, e por muitas vezes fui ajudante das minhas professoras, até tarefa no quadro elas me punham para escrever, é inacreditável, mas eu copiava a tarefa no quadro para que meus colegas

de classe pudessem copiar no caderno também, enquanto isso a professora me emprestava o livro para que eu pudesse fazer a minha cópia em casa. Parece ser uma coisa absurda, mas eu adorava! Sentia como se estivesse fazendo algo que me deixava muito feliz e satisfeita, isso jamais me prejudicou.

Meus anos escolares até aqui foram ótimos, aprendi e me desenvolvi muito bem, tive professores que me motivavam demais, e isso se transformava em um desejo de ser sempre melhor para poder dar uma vida diferente para meus pais. Na 4^o série (5^o ano), era o ano em que começávamos a ter um professor para cada disciplina, e eu jamais me esquecerei do professor de matemática que me fez criar uma paixão imensa pela matéria, tudo isso por seu método e prática de ensinar, parecia mágica de tão fácil que se tornava. Hoje isso me faz refletir o quão importante é o papel do professor na vida do aluno, o aluno pode até ser só mais um, mas o professor jamais é qualquer um, ele marca vidas, no sentindo bom e no sentindo ruim, por isso é tão importante que ele tenha consciência do trabalho que desenvolve na vida das pessoas, pois é uma profissão que trabalha diariamente com sentimentos, emoções e aprendizagens, tudo aquilo que é muito significativo na vida do aluno.

Depois de concluir a 5^o série (6^o ano) precisei mudar de escola, pois nesse tempo era também muito comum que as escolas públicas fossem divididas em Anos Iniciais e Anos Finais, uma escola nunca oferecia os dois componentes. Sendo assim, ingressei na 6^o série (7^o ano) em uma escola que ficava na mesma cidade, mas foi lá que eu tive a pior experiência escolar de toda a minha vida. Para começar, a escola era pequena e atendia uma demanda de alunos muito grande, na minha turma tinha 50 alunos, a sala era pequena para todos, não possuía ventilador e o sol batia direto na janela, fazendo com que a sala ficasse muito quente e abafada durante toda a tarde. Além disso, a professora de Matemática era também coordenadora da escola, e ela apenas dava aula quando não possuía muitas demandas na coordenação, isso enfraqueceu completamente a habilidade que eu possuía com a disciplina, pois criei uma barreira enorme ao me deparar com questões em provas que não tinham sido ensinadas em sala, foi uma grande frustração.

Em um dia minha mãe chegou mais cedo trabalho e precisou ir até a escola para pegar a chave de casa que estava comigo, chegando na porta da sala ela se deparou com uma turma de 50 alunos completamente descontrolada, a professora gritava para tentar o controle da turma e não conseguia. Minha mãe ficou abismada,

disse nunca ter presenciado uma cena como aquela, sentiu uma profunda pena de nós alunos pelo imenso calor e péssima qualidade de infraestrutura, além da professora que estava se desgastando sem sucesso. Sendo assim, minha mãe decidiu que eu apenas concluiria aquele ano naquela escola, e que no próximo procuraríamos algo melhor.

Meus pais trabalhavam na Asa Sul, e como eu era filha única, decidiram me levar para estudar lá também, e acredite, foi a melhor escolha de nossas vidas, minha e deles. A diferença da qualidade de ensino era gritante, a escola que eu estudei fica localizada na 113 sul, meu pai estudou lá quando adolescente, e por isso podia afirmar a qualidade do ensino oferecido. Fui matriculada lá na 7^o série (8^o ano), e fiquei até concluir a 8^o série (9^o ano), foi durante esse período de dois anos que eu voltei a perceber nos meus estudos uma chance de poder fazer diferente, estudar naquela escola me trazia muitas possibilidades que antes eu não tinha. Lá eu tive professores incríveis que me mostraram o quanto eu tinha potencial para ser melhor e fazer diferente, aprendi sobre a cultura da minha cidade sob o olhar de metodologias novas de ensino, cada professor tinha a sua, mas isso os tornou únicos para mim, e me fez perceber que agora sim eu estava no lugar certo, ali eu me encontrei.

Estando inserida nesse ambiente escolar, me encontrei até nas minhas amigas, que me acompanharam até o ensino médio. Saí dessa escola e fui transferida direto para o Setor Leste, também na Asa Sul, eu e todos da escola que optaram pela transferência direta. Junto comigo foram os amigos mais sinceros que já pude ter na vida, e isso me fazia estar feliz naquele lugar. O Setor Leste também foi uma experiência incrível de aprendizagem escolar, durante os três anos do ensino médio eu fui feliz e realizada onde estava, ali era um lugar que cuidava muito mais do que apenas ensino aprendizagem, trabalhava valores, culturas, solidariedade, companheirismo e amizade, uma escola completamente rica por projetos diversificados que nos traziam uma experiência nova de trabalho em grupo, ideias, criatividade e empatia. A grande diferença do ensino médio para os anos anteriores de escola, é que durante os três anos lá vividos eu aprendi a ser uma cidadã que reconhece sua importância na sociedade, uma pessoa que entende o valor da sua voz e das riquezas que a educação pode nos trazer, foi aí que eu decidi que queria ser professora.

Eu confesso que por muito tempo da minha vida quis cursar Direito, mas diante de tudo que vivi dentro da escola desde a infância até a adolescência, eu terminei o ensino médio com o desejo de fazer mais pelas pessoas, de fazer pelas crianças aquilo que me fizeram quando eu era criança, tornar o aprendizado uma prática divertida e leve durante a vida do aluno. Sendo assim, tendo a decisão tomada, decidi que no PAS a minha opção seria essa, Pedagogia. Eu já não me via fazendo outra coisa da vida, mas, não desisti do Direito, apenas entendi que isso poderia ser uma segunda opção de carreira junto à docência. Eu não tinha medo de dar errado, eu tinha certeza que daria certo.

Chegou o grande dia, o resultado veio, e de repente: APROVADA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA PARA O CURSO DE PEDAGOGIA! Foi uma alegria sem tamanho! Meus pais aceitaram muito bem a minha escolha, se alegraram por tudo e se sentiram orgulhosos demais por essa grande conquista. No dia da matrícula eu sentia meu estômago doer de ansiedade, eu não sabia o que me esperava, eu não sabia se daria certo, mas eu queria estar ali, eu queria poder viver com muita intensidade aquela experiência que Deus me deu. Era um sonho se tornando realidade.

Apesar da maioria dos meus amigos da escola terem tomado rumos diferentes, estávamos felizes uns pelo sucesso do outro, alguns também estavam na UnB cursando outros cursos, outros ingressaram na rede privada. Mas, logo no primeiro semestre de UnB, me familiarizei com pessoas incríveis que me acompanharam durante todo o curso, cursamos praticamente todas as disciplinas juntas e hoje elas são partes fundamentais na minha vida.

O curso de Pedagogia era algo que eu desejava, mas ainda assim era uma experiência completamente nova, apesar de tudo, quando cheguei lá eu ainda era apenas uma menina recém-saída do ensino médio e que ainda possuía muita inocência para algumas coisas. Para minha surpresa, as disciplinas do primeiro semestre foram muito acolhedoras, trouxeram uma sensação boa em relação ao curso e a universidade, e isso despertou em mim o desejo de permanecer.

Além disso, eu jamais poderia citar o primeiro semestre sem falar de uma pessoa muito especial que eu conheci exatamente no primeiro dia de aula, a Dayana. Dayana é uma pessoa muito extrovertida, engraçada, dedicada e esforçada, para mim

é exemplo de superação. Logo no primeiro semestre recebi um convite especial para ser sua tutora, ela gostaria que eu pudesse auxiliá-la nas atividades de uma disciplina chamada Antropologia e Educação, essa foi a minha primeira experiência como alguém que poderia fazer o bem ajudando outra pessoa que possuía algumas dificuldades. Ao lado da Dayana descobri meu verdadeiro chamado, pois fui tutora dela até o 6º semestre consecutivo do curso, e isso me proporcionou grandes aprendizagens e descobertas junto a ela.

Fiquei na UnB por um ano me dedicando apenas ao curso, mas, no 3º semestre surgiu uma oportunidade de estágio em uma escola da Asa Sul, como eu nunca havia trabalhado na vida e já tinha 19 anos, decidi me arriscar até mesmo para entender se era isso de fato o que eu queria. Confesso que no início eu me senti muito perdida, era uma recém-caloura que estava se arriscando a cuidar de crianças de classe média alta em uma escola bastante exigente, mas, foi durante esse ano, em 2017, que eu aprendi e vivenciei a essência da Pedagogia na sua mais pura beleza. Estagiar pela primeira vez em uma turma de 1º ano, classe de alfabetização, me trouxe experiências que me faziam visibilizar diariamente a relação da teoria com a prática que eu estava aprendendo na faculdade, e isso foi muito significativo na minha formação.

Esse primeiro ano de estágio me fez conhecer uma professora maravilhosa, dedicada a profissão e compromissada com o aprendizado das crianças, ela estava sempre em busca de novos conhecimentos e acreditava verdadeiramente no potencial das crianças para a autonomia de novas descobertas, isso me encantou. Foi a partir dessa e de muitas outras vivências conhecidas no cotidiano, que eu decidi que gostaria de pesquisar mais acerca de como o professor lida com as inúmeras diferenças individuais em turmas de alfabetização.

Estagiar nessa escola me trouxe conhecimentos que eu jamais achei que pudesse ter, uma coisa imensurável que nem a UnB me ensinou. Durante o estágio nessa turma de alfabetização, eu também conheci e tive a honra de acompanhar um aluno com deficiência visual, com ele eu aprendi a ler e escrever em Braille, aprendi a adaptar diferentes materiais, e o melhor, a enxergar o mundo com outros olhos. Ele me ensinou e me ensina até hoje a ser uma pessoa melhor, a ter um coração mais puro e aceitar que a vida pode ser muito mais feliz do que ela é. Eu o acompanhei durante todo o 1º ano do ensino fundamental, aprendendo e me desenvolvendo seguiu com ele também para o 2º ano, e hoje, graças a ele, estou contratada na escola e

seguimos para o nosso 3º ano juntos. Para mim é uma alegria imensa poder estar ao lado dessa criança tão incrível, ele é alguém que mudou a minha vida completamente com seu jeito lindo e fascinante de viver. Serei eternamente grata a ele, sua família, e a escola por essa oportunidade.

Mas, tudo o que eu tive a oportunidade de vivenciar e experimentar jamais faria sentido sem a base de teorias e práticas que tive na faculdade durante esses 4 anos de graduação. O curso de Pedagogia na UnB possui um currículo muito bem elaborado que nos permite vivenciar um pouco de cada parte dessa profissão, foi nesse período que eu descobri as inúmeras faces que a Pedagogia tem e as desenvolve muito bem.

As disciplinas que cursei foram todas muito significativas, cada uma com suas características e significados, algumas mais teóricas, outras mais práticas, mas o mais importante: todas muito compromissadas com a formação do futuro professor. Durante esses 4 anos realizei inúmeras visitas a escolas, cada uma com um objetivo diferente de pesquisa; também escrevi muitos portfólios e diários de bordo acerca das experiências vividas em conjunto e/ou individual. Foi necessário conhecer matérias específicas do curso e também algumas mais gerais acerca da educação, muitas delas se referiam a legislação, documentos oficiais e muitos outros, um assunto de extrema importância que faz parte do cotidiano de todo professor, pois percebe-se a relevância que um professor possui na vida de uma criança e da sua família, e por isso, esses sujeitos merecem receber tudo aquilo que é seu por direito em leis e diretrizes do nosso país.

Além disso, tudo aquilo que o curso propõe te faz refletir sobre quem você é, e quem gostaria de ser, pois, muitas disciplinas trazem teorias que dão sentido à vida do estudante, para que assim se possa dar sentido à vida da criança, reconhecendo seu valor e sua voz. Além do mais, o curso oferece um leque de opções em projetos e disciplinas optativas que podem ser escolhidas de acordo com a afinidade do aluno. E, por isso, já no 7º semestre escolhi participar de um projeto de extensão chamado LeiA.

LeiA significa Leitura e Ação, é um projeto de extensão da Faculdade de Educação coordenado pelo professor Erlando Rêses e organizado por alunos(as) da Pedagogia. O projeto acontece todos os sábados em uma comunidade carente do

Pedregal, com o objetivo de proporcionar oficinas de leitura para crianças entre 4 e 10 anos. Todos os sábados, os alunos matriculados no projeto vão até o Pedregal para colocar em prática com essas crianças o planejamento que organizaram durante a semana, esse planejamento é composto por questões primordiais como: dinâmica inicial, contação de história, lanche, oficina prática, dinâmica final e empréstimo de livros. Por meio dessas práticas, o planejamento pode variar com o tema e os objetivos, pois o intuito é fazer com que as crianças aprendam e desenvolvam hábitos de leitura por intervenção de atividades diversificadas que tratam de temas comuns ao cotidiano delas.

O projeto LeiA sempre foi um incentivo que me chamou à atenção dentro da Pedagogia, pelos corredores da Faculdade de Educação ele sempre foi um projeto muito conhecido por contribuir com vivências inéditas, e de fato é isso que ele nos proporciona. Eu decidi me matricular no LeiA quando acreditei e aceitei que precisava conhecer essa experiência antes de sair da UnB, pois eu tinha certeza que isso me faria ver a Pedagogia com outros olhos. Dentro desse projeto o que mais nos faz crescer com certeza são as crianças, sem elas nada disso poderia existir, e foi por meio delas que eu conheci a importância de entender a realidade, a vida e a educação daqueles que são protagonistas do ensino, para que assim possamos aprender a planejar as aulas. Todas as nossas aulas dadas no projeto foram sempre voltadas para as crianças, pensando no que elas gostavam, no que elas queriam, e no que elas achavam interessante, era tudo feito a partir delas. Além disso, foi necessário entender a necessidade social em que aquelas crianças viviam, pois sabíamos que estávamos lidando com uma situação não muito fácil, mas sabíamos o quanto era importante fazer esse projeto acontecer.

Agradeço imensamente à todas as crianças que me fizeram perceber o mundo com outros olhos, que me fizeram entender que a educação pode acontecer de diferentes maneiras, e que o mais importante sempre será o aluno, aquele que representa a motivação do nosso dia a dia. Poder colocar em prática tudo aquilo que vi na faculdade até hoje, me fez reviver para entender que a Pedagogia vai muito além de um livro didático, hoje consigo afirmar com certeza que sou uma pessoa diferente, que como professora, acredito tanto que a educação muda o mundo, que vi ela mesma me mudar.

Por todos esses aspectos aqui mencionados é que hoje sou uma pessoa muito melhor, a Pedagogia me ajudou a descobrir quem eu sou e porque sou, me fez entender o motivo de poder estar aqui hoje, pois aqui é o meu lugar, e foi isso que eu escolhi ser por muito tempo da minha vida. Tenho certeza que toda a minha trajetória não me trouxe até aqui atoa, e que agora, diante de tudo que foi vivenciado, eu posso com certeza perceber e afirmar que conheço minha própria identidade, pois me vi a todo momento em cada pedacinho dessa graduação. Hoje sou muito feliz por conseguir perceber em uma criança a imensidão de coisas que ela carrega consigo, seus valores e suas virtudes que a tornam única, aprendi que um professor precisa de muito mais do que um aumento de salário, ele precisa de reconhecimento e valor, pois ele possui uma das mais lindas e verdadeiras joias na mão: a educação.

Sendo assim, me despeço da graduação com uma sensação de missão a ser cumprida, sinto que sou uma pessoa muito melhor e com muito mais conhecimento, pronta para vivenciar grandes aventuras ao lado das crianças. Desejo não interromper meus aprendizados por aqui, sinto que apesar de muito, não deve ser a única bagagem que devo carregar comigo, pois a educação está em constante mudança e precisa sempre se renovar. Serei uma professora com um grande compromisso com os alunos, pois acredito profundamente no potencial que eles possuem para construir e concretizarem grandes aprendizagens.

PARTE II – MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento são fundamentos essenciais para os indivíduos terem condições de atuar cotidianamente em sociedade. O Decreto n. 9.765, de 11 de abril de 2019, institui a Política Nacional de Alfabetização e propõe, por meio da colaboração entre os Estados e Municípios, a garantia da melhoria da qualidade do ensino da alfabetização, como posto no Art. 1º do referido Decreto:

Fica instituída a Política Nacional de Alfabetização, por meio da qual a União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, implementará programas e ações voltados à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, com a finalidade de melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e de combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal (BRASIL, 2019).

Por isso, compreendendo que alfabetizar implica também o uso das habilidades desenvolvidas de leitura e escrita nas respectivas práticas sociais, considera-se que alfabetização e letramento são processos distintos, mas que são indissociáveis (SCHNEIDER e QUEIROZ, 2018), considerando que a prática de um ensino leva ao outro para que seja possível assim, significar o aprendizado.

A prática de alfabetizar e letrar é reconhecida como um processo muito significativo principalmente na vida da criança, é por meio de estímulos, mediações e diferentes ações do professor que é possível desenvolver boas habilidades acerca da leitura e da escrita ainda na infância. Reconhecendo que, durante esse processo, cada criança possui sua individualidade, é preciso que o professor alfabetizador saiba reconhecê-la para que o conhecimento seja construído de maneira coerente e aplicável nas práticas sociais do cotidiano.

Visando a que esse ensino seja constituído por meio de um conjunto de práticas que compõem um processo, é necessário compreender que inúmeras responsabilidades são dadas aos sujeitos que contribuem para a articulação desse desenvolvimento no ensino e aprendizagem, ressignificando experiências que acontecem durante os anos iniciais da vida da criança na escola.

Diante do exposto, este trabalho acadêmico justifica-se devido aos dados alarmantes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que mostra, a partir do Censo Escolar de 2016, que no Distrito Federal muitas crianças chegam ao 3º ano do Ensino Fundamental ainda sem alcançar um nível adequado de habilidades de leitura e escrita. Por isso, buscou-se identificar em uma escola da Rede Pública do Distrito Federal, uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental que realiza cotidianamente boas práticas de alfabetização e letramento, visando conseguir alfabetizar seus alunos com sucesso diante da idade-série em que os alunos se encontram.

Para isso, o trabalho desenvolvido tem como questão de pesquisa identificar: Como a professora alfabetizadora desenvolve práticas de alfabetização e letramento em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental? Diante disso, definiu-se também que o trabalho tem por objetivo geral identificar práticas de alfabetização bem-sucedidas em turma de 1º ano do Ensino Fundamental.

E atribuído a ele, os seguintes objetivos específicos:

- Identificar concepções pedagógicas sobre práticas de alfabetização e letramento adotadas por uma professora em turma de 1º ano do Ensino Fundamental.
- Observar o uso de diferentes práticas adotadas em sala de aula em uma turma de alfabetização.
- Indicar por que essas práticas de alfabetização podem ser consideradas como práticas bem-sucedidas.

Buscando atingir os objetivos propostos, serão realizadas pesquisas em diferentes fontes como: livros, revistas, *sites* da internet, artigos, trabalhos acadêmicos, teses de mestrado e doutorado, etc., a fim de encontrar teorias enriquecedoras para o desenvolvimento da prática de alfabetizar e letrar crianças inseridas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esta pesquisa adotará questionário, além de entrevista semiestruturada com a professora, para identificar suas possíveis concepções pedagógicas acerca da alfabetização e do letramento. Realizando também uma apreciação das respostas

indicadas com a prática observada durante o período da pesquisa¹, a fim de identificar se a professora realiza em sala de aula aquilo que propõe como propostas.

A metodologia de pesquisa adotada será observação participante, portanto qualitativa, a fim de buscar identificar, na sala de aula, as práticas de alfabetização apresentadas pela professora colaboradora da pesquisa, para compreender como e por quê podem ser consideradas boas práticas de alfabetização e letramento, e de que modo auxiliam de maneira significativa no ensino e aprendizagem das crianças da turma.

O trabalho será constituído por quatro capítulos, sendo dois de revisão bibliográfica e dois relacionados ao desenvolvimento e análise da prática da pesquisa. No capítulo 1 serão abordadas questões gerais sobre alfabetização e letramento, a importância desse processo atribuída às questões sociais e seus principais sujeitos participantes no desenvolvimento desse ensino e aprendizagem, são eles: a escola, a família e a relação professor-aluno.

No capítulo 2 serão apresentadas práticas de alfabetização e letramento que contribuem de maneira relevante para o ensino das habilidades de leitura e escrita, buscando como uma forte referência o autor Moraes (2012). Já no capítulo 3, são consideradas as questões de definição da pesquisa, os instrumentos de dados utilizados, as considerações importantes que qualificam a pesquisa, além da contextualização da escola, da professora e da turma colaboradoras da pesquisa.

No último capítulo, será realizada análise das observações das práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pela professora em sala de aula, buscando estabelecer relação de prática com as referências teóricas que servirão para conhecimento e aprofundamento dos estudos sobre o tema, desenvolvidas nos capítulos teóricos. As considerações finais apresentarão reflexões significativas aprendidas a partir da realização desta pesquisa.

¹ A observação da pesquisa foi realizada ao longo de 11 dias alternados.

1. O QUE É ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

A educação brasileira é um direito de todos os cidadãos, garantido pela Constituição Federal (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988), de acordo com o Art. 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988). A educação descrita na Lei é concebida pela garantia da educação básica, que consiste em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A Constituição afirma que é dever do Estado garantir uma educação obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, no qual também se torna obrigação da família assegurar o acesso da criança à escola a partir dos 4 anos, a qual será inserida na pré-escola e deverá concluir até o ensino médio.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – nº 9.394/96,1996), no Art. 29, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”. Por isso, é apenas quando a criança chega ao 1º ano do ensino fundamental, a segunda etapa da educação básica, que a alfabetização começa a ser enfatizada como prioridade, como é exposto no Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, no inciso I do Art. 5: “I - priorização da alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental;”.

Contudo, isso não significa que a criança jamais tenha tido contato com elementos relacionados à alfabetização e letramento, ou seja, acesso a letras, palavras, frases, textos, cartazes, jornais, revistas etc., pois conseqüentemente, vive em um mundo letrado e alfabetizado, em que diversas informações escritas estão expostas diariamente em todo lugar (RIOS, 2015).

O processo de alfabetização acontece a partir de um processo de construção de conhecimentos do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e não é concluído completamente no 1º ano do ensino fundamental, tendo em vista que muitos fatores de aprendizagem são necessários para que esse processo se desenvolva e se concretize, pois entende-se que todo esse momento é repleto de muita prática,

vivência e conhecimentos que serão adquiridos durante o dia a dia, ao longo de um tempo indefinido. O desenvolvimento da capacidade de aprender a ler e escrever no ensino fundamental é também destacado no Decreto nº 9.765, no inciso I do art. 2º, “Alfabetização - ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético, a fim de que o alfabetizando se torne capaz de ler e escrever palavras e textos com autonomia e compreensão” (BRASIL, DECRETO Nº 9.765, 2019).

Constituindo-se como um direito de aprendizagem², a alfabetização é um processo que pode ser também interdisciplinar, ou seja, caminhar junto à muitas outras disciplinas curriculares, de modo que se torne uma aprendizagem integral, pois, tendo como característica principal a individualidade de cada criança, é importante que seja efetivada diferentes didáticas e conteúdos para esse ensino.

Além do mais, o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) (2015) expõe no Caderno 5 “A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização”, que a alfabetização deve acontecer durante os três anos do ciclo inicial (1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I), que também é conhecido como ciclo de alfabetização, de maneira progressiva e contínua. Isso significa que, ao longo dos três primeiros anos iniciais do ensino fundamental, os professores alfabetizadores devem proporcionar, por meio do ensino, aspectos que são descritos no direito de aprendizagem da criança: introduzir, aprofundar e consolidar. É importante que aconteça um ensino progressivo de modo que, durante a aprendizagem, haja verdadeiros avanços e retomadas, para que, assim, se concretize os conhecimentos da criança sobre a escrita alfabética.

Por isso, a alfabetização não deve ter prazo rígido para finalizar, mas sim, deve ser desenvolvida com o objetivo de alcançar o máximo até o fim do ciclo de alfabetização, já que entende-se que a criança precisa de tempo e desenvolvimentos para construir e concretizar seus conhecimentos que envolvem habilidades de leitura e escrita, para então, se tornar um indivíduo alfabetizado e letrado.

De acordo com o Caderno de Apresentação do PNAIC, alfabetização implica:

² O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa recomenda que haja, no Bloco Inicial de Alfabetização (1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental), um ensino sistemático do sistema de escrita alfabética (SEA) articulando o eixo de análise linguística com as práticas de leitura/produção textual/oralidade presentes nos diferentes componentes curriculares. E, para cada um desses eixos, foram propostos os Direitos de Aprendizagem.

Estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações, significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. Por tal motivo, estabelecemos o período de 3 anos do ciclo de alfabetização para que a criança compreenda o Sistema Alfabético de Escrita e que seja capaz de ler e escrever com autonomia textos de circulação social. Sem dúvidas, com uma boa intervenção didática, esses objetivos poderão e deverão ser alcançados (PNAIC, 2015, p. 19).

Já o letramento é constituído mediante a apropriação da língua escrita para os diferentes usos sociais em situações do cotidiano. De acordo com Behne, Cardoso e Pacini (2018), é importante que o letramento seja considerado junto à alfabetização, por meio de contextos que façam parte da vida da criança, pois é algo que precisa ser estabelecido sob uma perspectiva familiar, de modo que faça parte do seu contexto real, ou seja, algo que a criança goste ou conviva em diferentes momentos do cotidiano, para que, assim, sejam adquiridos sentidos significativos a essa prática, de modo que facilitará para que posteriormente a criança realize interpretações mais sofisticadas acerca do mundo exterior.

O letramento como a capacidade de o indivíduo se apropriar e saber usar a linguagem escrita, tendo em conta sua funcionalidade social. Para tanto, se faz necessário a construção de uma base de conhecimentos, assim como de atitudes que tornarão esse indivíduo capaz de saber usar a escrita em práticas sociais (BEHNE, CARDOSO e PACINI, 2018, p. 3).

Letramento e alfabetização são processos que caminham juntos, apesar de possuírem conceitos diferentes. Levando em consideração que cada processo possui suas definições individuais, é importante que o professor alfabetizador possua boas estratégias para relacionar uma prática a outra, pois ambos estabelecem contato diário por meio de diferentes perspectivas de leitura e escrita que estão presentes nas funções sociais do dia a dia em que a criança está inserida. De acordo com Soares *apud* Carvalho (2008, p. 9):

É possível alfabetizar letrando, isto é, podemos ensinar crianças e adultos a ler, a conhecer os sons que as letras representam e, ao mesmo tempo, com a mesma ênfase, convidá-los a se tornarem leitores, a participarem da aventura do conhecimento implícita no ato de ler.

Desta forma, é possível perceber que, diante dessa perspectiva na alfabetização e letramento, o professor se encontra à frente de duas vertentes:

alfabetizar e letrar. Será que é realmente possível alfabetizar letrando e letrar alfabetizando?

Segundo Soares (2016), até os anos 1980 a grande questão que envolvia a alfabetização era a escolha de qual método adotar para alfabetizar, tendo em vista que o foco era apenas a alfabetização. Assim sendo, a escolha dos métodos era entendida entre métodos sintéticos e analíticos:

Ora a opção pelo princípio da síntese, segundo o qual a aprendizagem da língua escrita deve partir das unidades menores da língua – dos fonemas, das sílabas – em direção às unidades maiores – à palavra, à frase, ao texto (método fônico, método silábico); ora a opção pelo princípio da análise, segundo o qual essa aprendizagem deve, ao contrário, partir das unidades maiores e portadoras de sentido – a palavra, a frase, o texto – em direção às unidades menores (método da palavração, método da sentencição, método global).’ (SOARES, 2016, p. 18).

Por isso, independente da escolha do método, a aprendizagem era voltada apenas para o sistema alfabético-ortográfico da escrita, em que era reconhecido como necessário desenvolver habilidades de leitura e escrita, para depois fazer leituras de textos, livros, escrever histórias, etc., mesmo que fossem utilizados textos, cartas, e outros materiais, para o ensino por meio desses métodos. Porém, a partir dos anos 1980, um paradigma cuja denominação é construtivismo, foi introduzido no Brasil pela obra de Emília Ferreiro, orientada por Jean Piaget (SOARES, 2016).

Ainda conforme Soares (2016), esse novo paradigma afirma que a aprendizagem da língua escrita pela criança acontece de maneira progressiva do princípio alfabético, em que a língua escrita é percebida como a representação de sons da fala por meio de sinais gráficos, além de propor que a criança aprenda por meio da relação com diferentes materiais reais que façam parte dos diferentes tipos de gêneros textuais. Portanto, de acordo com Soares (2016, p. 22), o construtivismo é concebido como: “uma prática pedagógica de estímulo, acompanhamento e orientação da aprendizagem, respeitadas as peculiaridades do processo de cada criança, o que torna inadmissível um método único e predefinido.” Facilitando dessa maneira, o ensino da alfabetização e do letramento, ações conjuntas e indissociáveis.

Para que o aluno tenha um conhecimento alfabético sobre o sistema de escrita, é necessário que haja uma prática constante desse conhecimento aplicado na prática social de leitura e escrita. Do mesmo modo acontece com o letramento, sendo que, para que essa prática social ocorra de maneira efetiva, é indispensável o

conhecimento sobre o sistema alfabético. São meios que possuem em comum características de leitura e escrita acerca das coisas que permeiam o mundo, mas ainda assim são processos distintos, porém, interligados, devem ser percebidos e ensinados como aprendizagens complementares e auxiliares, de modo que um complementa o outro auxiliando na sua efetivação.

Alfabetizar e letrar é uma grande responsabilidade para o professor alfabetizador, pois exige conhecimentos específicos sobre a área, o que nem sempre o curso superior de Pedagogia consegue suprir, visto que, esses conhecimentos são na maioria das vezes, adquiridos ao longo de estudos aliados a prática, e é por meio dessa perspectiva que o professor compreende melhor essa realidade, e assim aprende a construir diferentes estratégias para oferecer um bom desempenho no ato de alfabetizar. Por lidar constantemente com diferentes crianças que vivem em realidades distintas, percebe-se que cada indivíduo carrega consigo uma bagagem completamente individual e intransferível, o que faz com que cada aprendizagem seja diferente uma da outra. Sendo assim, é importante que o professor tenha esses conhecimentos específicos para compreender e saber lidar com as dificuldades e desafios que serão encontrados durante a carreira docente, principalmente ao longo do processo de alfabetização e letramento, tendo em vista que, é de suma importância que o professor propicie atividades que busquem o desenvolvimento de cada particularidade encontrada (DINIZ, 2018).

1.1 A importância da leitura e da escrita

Leitura e escrita são conceitos que permeiam toda a sociedade, uma vez que essas tecnologias são relevantes e úteis e estão presentes nas mais diversas relações do cotidiano, pois estamos a todo momento interagindo com as pessoas e com o mundo. Realizamos uso da leitura e da escrita para quase tudo que fazemos na vida, e isso interfere diretamente nas relações que temos e desenvolvemos ao longo dos anos, por isso é tão importante para a criança, desde pequena, o incentivo e a participação na busca desse conhecimento.

No Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, que instituiu a Política Nacional de Alfabetização (PNA) a leitura e a escrita também são visualizadas como diretrizes fundamentais durante o processo de alfabetização e letramento, como está posta no inciso V, do artigo 5º:

V - estímulo aos hábitos de leitura e escrita e à apreciação literária por meio de ações que os integrem à prática cotidiana das famílias, escolas, bibliotecas e de outras instituições educacionais, com vistas à formação de uma educação literária; (BRASIL, 2019).

Sabe-se que ler e escrever são processos fundamentais na vida de todo e qualquer indivíduo, porque compreende-se que é muito importante saber realizar interpretações sociais de mundo, seja ela por aquisição e apropriação do sistema de escrita ou não, visto que, é possível perceber que desde quando a criança começa a ter contato com o mundo social, ela já está diretamente inserida em um espaço letrado e alfabetizado, e mesmo que ainda não domine habilidades de leitura e escrita, realiza sua própria interpretação, diante do convívio com o ambiente e com as pessoas.

Isso tudo faz parte de um processo natural, algo que por muitas vezes não está diretamente ligado aos domínios de uma pessoa responsável por essa criança, porém, isso não significa que seja um ponto negativo, muito pelo contrário, torna-se algo significativo e curioso. A criança por si só já é um ser curioso, e por esse motivo, está sempre interessada em descobrir coisas novas sobre aquilo que parece tão comum (ou não) a todos. Sendo assim, é nesse momento que a família pode interferir incentivando a prática literária e da descoberta, pois entende-se que esse processo não necessariamente deve começar na escola, mas sim em todo e qualquer espaço em que a criança se sinta confortável para aprender.

Tendo em vista que nem sempre a família realizará processos de incentivo, é comum que esse papel seja desenvolvido apenas pela escola, garantindo o ingresso da criança na educação básica. Mas, tornar a prática da leitura e da escrita algo prazeroso e instigante na criança, não deve ser algo muito fácil para o professor alfabetizador, pois é diferente quando percebemos que a família possui um único indivíduo para incentivar e instigar, enquanto o professor poderá ter em média de 15 a 20 alunos por turma. Segundo Tiesenhausen (2018, p. 37), “o desafio maior para o Professor Alfabetizador é como iniciar o movimento de aprender a ler, que se estenda como uma prática continuada e desejante por toda a vida.”

Com isso, entende-se que a autora definiu a prática do professor como um “desafio” devido à enorme variedade de linguagem literária que temos em nosso país, inferindo-se que esse processo deve se tornar algo prazeroso e constante, pois depende de que cada criança possa se encontrar verdadeiramente naquilo que mais

lhe chamar a atenção, para que ela torne-se de fato, um leitor escolarizado e socialmente familiarizado com a leitura.

Além da leitura, é também consideravelmente importante o desenvolvimento e a prática da escrita, levando em consideração a utilização sobre um sistema de escrita que está altamente presente em quase todas as situações do cotidiano, a criança nasce e cresce em um ambiente em que as pessoas estão a todo tempo lendo e escrevendo, e isso prova o quão relevante é para ela também se apropriar dessa prática na vida social.

O ato de escrever vai muito mais adiante do que fazer uso dessa aquisição apenas na vida escolar, escrever não serve apenas para fazer provas, avaliação, trabalhos e desenvolver conceitos postos na alfabetização, mas, deve também ser fortemente incentivado pela família e escola para que possa se tornar uma prática de interação social, possibilitando o uso da leitura e da escrita a todo momento em seu convívio com a sociedade.

[...] o termo letramento, que se associa ao termo alfabetização para designar uma aprendizagem inicial da língua escrita entendida não apenas como a aprendizagem da tecnologia da escrita – do sistema alfabético e suas convenções -, mas também como, de forma abrangente, a introdução da criança às práticas sociais da língua escrita (SOARES, 2016, p. 27).

Segundo Soares (2016), alfabetização e letramento são definidos como processos indissociáveis no momento em que ambos são utilizados não apenas como métodos, mas também como prática indispensável e completamente significativa quando o seu uso é relacionado nas mais diversas práticas sociais. O aprendizado que caracteriza alfabetização e letramento nos traz claramente a ideia de ler e escrever, porém, o uso da decodificação das letras e o hábito da leitura por si só, não são suficientes para que se tornem verdadeiramente significativos na vida da criança, é preciso compreender a complexidade que os dois métodos possuem, integralizando toda a sua variedade linguística enquanto aplicada nas funções sociais.

Mas por que é tão importante ler e escrever? Por que a leitura e a escrita são tão necessárias na vida em sociedade? Isso acontece porque concluiu-se em torno do processo de alfabetização e letramento que a todo momento e em qualquer lugar, as pessoas realizam continuamente o uso dessas práticas. O ato de ler e escrever torna as pessoas mais acessíveis porque é uma forma de transmitir ideias e

conhecimentos adquiridos ao longo do seu processo de desenvolvimento, além de poder ganhar com a leitura, novos saberes acerca de conhecimentos que nem sempre é possível ter noção ou entendimento.

Assim como o processo de alfabetização e letramento, ler e escrever são consequências reais dessas práticas quando bem-sucedidas, e por isso, não é atoa que os dois termos de ensino estão sempre associados, visto que, ler e escrever também são processos que auxiliam e colaboram diretamente um para a evolução do outro. Quando uma criança é incentivada a ler ela descobre novas coisas fazendo uso da imaginação, pode aumentar seu vocabulário, estimular o raciocínio e a interpretação, além de contribuir significativamente no aprimoramento da escrita. Todos esses aspectos estão continuamente interligados uns aos outros, juntos podem transformar pessoas bem desenvolvidas, articuladas, inteligentes e acima de tudo, comunicativas umas com as outras no corpo social em que convivem, seja por meio da escrita, da oralidade, ou da leitura ativa que colabora para todos os itens considerados acima.

1.2 O papel da escola nesse processo de aprendizagem

Na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), de acordo com o inciso I, do Art. 32, é definido como objetivo do ensino fundamental, sendo função da escola: “I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;” (BRASIL, 1996).

Sendo assim, é possível compreender que o ensino da leitura e da escrita são destacados como papéis primordiais no ensino fundamental, reconhecendo que a escola desenvolve um papel claro e objetivo de ensinar o aluno a aprender, levando em consideração o processo de alfabetização e letramento, que é visto como meio essencial porque é considerado base primordial para a formação básica de um cidadão.

Segundo Carvalho (2008, p. 87), a escola desempenha um importante e significativo papel durante o processo de alfabetização, a autora define que “a escola pode e deve contribuir para a formação de leitores, adotando práticas de leitura e escrita que reforcem a busca de significados, da compreensão, e não a simples decodificação”.

Diante disso, pode inferir-se que, a função da escola vai muito além do objetivo de aplicar métodos e técnicas para o ensino na alfabetização, tendo em vista que, é de extrema importância construir e instigar significados nesse processo de aprendizagem, no qual torna-se papel fundamental da escola proporcionar construções literárias e escritas, para que seja possível alcançar a alfabetização e o letramento, juntos.

Para que isso se torne efetivo, é preciso que a escola desenvolva um papel marcante, e para tanto, entende-se que é importante para a criança a presença de ambientes alfabetizadores, que possam ser muito além da sala de aula, para que ela possa interagir e manter contato com novas experiências físicas e sociais que auxiliem no desenvolvimento da aprendizagem. Uma vez que, a criança inserida no ambiente escolar precisa ser estimulada diariamente para que possa avançar em seu processo de desempenho.

o conhecimento não é algo que vem de cima para baixo, mas sim adquirido com as trocas de experiências, através das vivências com o outro e com o meio. E é justamente esse meio que pode fazer a diferença quando se trata de atribuição de significado, ou seja, no ambiente, no espaço proporcionado (SILVA e DUARTE, 2013, p. 3).

Além disso, a escola exerce um papel indispensável de articular a relação dos sujeitos em que está diretamente associada: criança, família e escola, visto que, ela é a ponte que interliga todos os aspectos necessários e importantes para o desenvolvimento pleno da criança. Sendo assim, contribui para seu crescimento escolar e pessoal, por meio da busca de uma relação efetiva entre os membros da escola (direção, coordenação, professores) e a família, pois entende-se que o trabalho realizado em sala de aula precisa do apoio e da contribuição daqueles que podem auxiliar a criança em casa, para que assim seja estabelecido um processo coletivo que busque o máximo aprendizado.

As instituições escolares possuem um trabalho relevante na vida dos alunos aos quais recebem todos os dias, e tendo como função principal torna-los cidadãos, as atividades pedagógicas devem também ser associadas a realidade de vida dos alunos, tendo em vista uma formação de qualidade que leve a criança a pensar e refletir diariamente sobre diferentes conteúdos e isso também pode estar diretamente

associada desde o ensino da alfabetização e letramento. Sendo assim, Schneider e Queiroz (2018, p. 152), defendem que:

As atividades pedagógicas dialógicas devem propiciar o desenvolvimento do pensamento crítico, considerando as temáticas transversais do currículo, assim como a melhora e o aumento de habilidades orais que potencializem os alunos para discursar sobre as diferentes imagens do seu cotidiano.

A perspectiva de trabalho desenvolvida pelo ambiente escolar deve estar voltada para uma perspectiva dialógica, em que se considera que é importante o professor estabelecer momentos oportunos para dar voz significativa às crianças, exercendo habilidades orais que oportunizem novas construções de pensamentos, estabelecendo assim, um diálogo participativo de conhecimento entre o aluno e a instituição escolar (FREIRE, 1989).

1.3 Relação professor-aluno e seus desafios no processo de alfabetização e letramento

O processo de alfabetização e letramento é compreendido como uma fase extremamente significativa e marcante na vida da criança, e, nesse período fundamental de aprendizagem, quem possui o papel principal de mediar o conhecimento é o professor. Para isso, é necessária uma formação, além de experiências pessoais, já que não é considerada fácil a prática de alfabetizar e letrar, tendo em vista os inúmeros desafios que possivelmente são encontrados ao longo da carreira docente.

A prática pedagógica que o professor desenvolve deve ser reflexiva, capaz de ampliar o conhecimento e a aprendizagem da criança, tornando-a significativa. Desse modo, Diniz (2018, p. 48) define que as práticas pedagógicas podem estar associadas aos seguintes aspectos:

Por meio de investigações-reflexivas, as práticas pedagógicas poderão ser mediadas pela ludicidade, desenvolvendo as habilidades, propiciando o exercício de atenção, concentração, socialização, explorando sua espontaneidade imaginativa, criativa, enfim acontecendo a aprendizagem...

Para propiciar a efetividade dessas práticas, é necessário que a relação professor-aluno seja estabelecida de maneira cuidadosa e respeitosa, percebendo que a criança deve encontrar no ambiente em que está inserida, conforto e apoio para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Queiroz e Schneider (2018, p. 64) observam também que “[...] relação entre sujeitos da educação se caracteriza como uma relação horizontal entre os sujeitos, na qual é essencial entre eles: o respeito, a afetividade, a confiança e o comprometimento na troca de saberes”.

A afetividade é uma característica muito presente durante o ensino-aprendizagem da alfabetização, tanto para o aluno quanto para o professor, é importante que haja uma relação de carinho e cuidado, pois transmite confiança e maior conforto para a criança que se percebe em um ambiente escolar. Além disso, Neta e Silva (2014), ressaltam que ter pela criança um cuidado especial faz com que o processo de ensino seja construído com mais efetividade, pois assegura maiores chances de adaptação ao ambiente escolar. Lima (2009, p. 15) afirma que “Para educar amorosamente é necessário acolher o sujeito/filho/aluno como alguém que precisa do nosso cuidado, de nossa atenção, de nossa responsabilidade, de nosso respeito, de nosso conhecimento.”

Tendo como princípios básicos da relação professor-aluno e aluno-professor essas características, é importante que o professor alfabetizador reflita diariamente acerca do trabalho em que está desenvolvendo no aprendizado das crianças sobre a leitura de mundo que se torna significativa por intervenção da alfabetização e do letramento. Sendo assim, Rios (2015, p. 6) questiona “O que se espera alcançar, enquanto professor: um indivíduo capaz apenas de reproduz o que lhe é ensinado ou um ser crítico, reflexivo e criativo, capaz de transformar a realidade na qual está inserido?”

Essa reflexão com certeza deve ser um questionamento que o professor alfabetizador deve ter, percebendo que possui uma função ímpar de instigar, incentivar, explorar, problematizar e tornar o aluno produtor do seu próprio conhecimento, é considerado importante que ele construa em si mesmo reflexões que o leve a pensar em que tipo de pessoa está formando, para quem está formando e por quê está formando, compreendendo que esse sujeito futuramente será alguém ainda mais presente na sociedade.

Buscando significar ainda mais o processo de alfabetização e letramento, o professor deve ter sempre um olhar atento para as inúmeras diferenças que

encontrará dentro da sala de aula. Tendo em vista que cada criança possui realidades, culturas e pensamentos diferentes, é preciso ter um olhar mais preciso para a aprendizagem e o desempenho de cada criança que está inserida no contexto da escola, para que possa ser efetivado um trabalho de incentivo e avanço em relação a atual fase de desenvolvimento da criança.

Este trabalho realizado com base em princípios de diferenciação permite a realização de atividades diversificadas, flexíveis, individualizadas e em grupo, com possibilidades de avaliação e adequação constantes para atender às demandas de todos os estudantes. Com isso, os professores, podem diversificar as estratégias considerando a aprendizagem dos conteúdos e, com isso, alcançar resultados importantes em consonância com as características, potenciais e necessidades dos estudantes (SOUZA e MARTINS, 2018, p. 122).

É importante que o professor esteja sempre atento às necessidades e dificuldades dos alunos, a fim de estar sempre em busca de novas estratégias para propiciar um avanço na construção desse conhecimento. Torna-se papel fundamental do professor alfabetizador conhecer de maneira eficiente cada etapa que caracteriza as fases da alfabetização, visando diferentes níveis de escrita em uma turma, é possível e torna-se indispensável, a aplicabilidade de atividades diversificadas para atender às demandas escritas de cada um.

De acordo com Carvalho (2008, p. 17), não é uma tarefa fácil para o docente lidar diariamente com inúmeras diferenças individuais presentes em cada criança a quem ensina, uma vez que o professor exerce dentro de sala de aula mais do que o papel de ensinar, mas também o de cuidar, educar, estimular, apaziguar, mediar etc. Além disso, a autora expõe a ideia de que nem sempre o curso superior é aquele que corresponde fielmente à prática da sala de aula, e que, em determinados momentos, é necessário esquecer um pouco da teoria para aprender com aquilo que apenas a prática pode ensinar.

A maioria das professoras experientes cria seu próprio caminho: a partir de um método tradicional, adapta, cria recursos e inova a prática. Há lugar para a invenção e a criatividade, pois não são apenas as crianças que constroem o conhecimento (CARVALHO, 2008, p. 18).

Diniz (2018) observa, de acordo com o depoimento de uma professora colaboradora de sua pesquisa que, dentro de sala de aula, o professor desenvolve

aquilo que for mais adequado, de acordo com a demanda da turma, é preciso analisar os diferentes contextos para propiciar momentos que vão garantir a aprendizagem das crianças. Dentre isso, podemos perceber uma das mediações mais importantes que o alfabetizador pode propiciar: atividades em grupo ou em dupla, pois são extremamente importantes durante essa fase da vida, entendendo o quão significativo é para a criança a interação com os pares para criar, problematizar, dialogar e inventar hipóteses que tornem o saber algo mais real e concreto para elas. Uma vez que toda criança aprende muito com a ideia, a ação e na comunicação com o outro, seja ele o professor ou outra criança.

Sobretudo, lidar com as inúmeras diferenças de realidade, escrita, conhecimento e personalidade, ainda é uma tarefa difícil para o professor. Alguns aprenderam a ensinar de modo homogêneo, outros acreditam verdadeiramente na especificidade de cada criança para aprender, mas ainda assim é uma dificuldade praticar um ensino comum a todos, que respeite a individualidade de cada um. Sendo assim, Souza e Martins (2018, p.122, *apud* Carvalho, 2004, p.88), afirmam que:

Ainda em relação à diversidade, devido ao tradicionalismo da maioria de nossas escolas, uma das questões problemáticas para muitos de nossos professores é: como desenvolver a prática pedagógica comum para todos e, ao mesmo tempo, sensível à diversidade, às diferenças individuais? Consideram-se despreparados para a tarefa porque a formação que receberam habilitou-se a trabalhar sob a hegemonia da normalidade. Não foram qualificados para o trabalho com diferenças individuais significativas, o que também representa mais uma necessidade de ultrapassagem: a qualidade da formação inicial e da continuada de nossos educadores.

Diante disso, fica claro e objetivo a real necessidade de os professores terem uma formação mais preparatória para a realidade em que encontrarão no futuro da sala de aula, e para os professores já atuantes, a formação continuada deve ser considerada para adquirir mais conhecimentos quanto a necessidade das crianças em relação a interpretação do conhecimento e do avanço individual. Tudo isso contribui diretamente de maneira significativa para o desenvolvimento do ensino aprendizagem na alfabetização em contexto de letramento.

1.4 A relação família e escola no processo pedagógico de alfabetização da criança

Assim como a escola, a participação da família também é fundamental no processo de desenvolvimento da criança durante toda a vida escolar, mas principalmente, durante os anos iniciais, quando começa a alfabetização. Nesse momento, a criança encontra-se em constante aprendizado sobre a interpretação de um mundo que é completamente letrado e alfabetizado, sendo assim, não aprende apenas na escola, mas em todo e qualquer lugar que conhece e percebe essa interação de letras, palavras, frases e textos. Por isso, é papel da família realizar um trabalho constante de incentivo e demonstração de interesse para tudo aquilo que for favorável à aprendizagem e tiver relação com o desenvolvimento da criança.

Cabe à família propiciar momentos significativos e prazerosos que estimulem a prática da leitura e da escrita, propiciando oportunidades em que seja possível integrar a ação da escola com a família, visto que isso torna a aprendizagem mais integral, no sentido de ampliar e aprofundar os conhecimentos que estão sendo construídos durante o processo de alfabetização. A participação da família durante o processo de alfabetização e letramento é tão importante que está descrita também no Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, no inciso VIII do art. 2º:

VIII - literacia familiar - conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita, as quais a criança vivencia com seus pais ou cuidadores;

A relação família e escola deve ser estabelecida para contribuir com o processo de aprendizagem que é desenvolvido na escola, a fim de que seja concretizado também nas relações cotidianas nas quais a criança está inserida, tendo em vista que todo ensino baseado no contexto familiar em que a criança consegue perceber sua própria realidade, pode ser considerado um ensino mais efetivo. Logo, é preciso que haja uma aproximação da família com a escola para estabelecer que é papel da família, em parceria com a escola, contribuir tanto para a aprendizagem, quanto para a formação como cidadão da criança (SOUSA, 2018).

Mas Sousa (2018) afirma ainda que a escola precisa orientar e esclarecer para as famílias quais são os objetivos e informações sobre o processo de ensino e de aprendizagem e além disso deve propiciar momentos para que essa colaboração

possa ser efetiva. Visto que não é simplesmente apresentar quais são os objetivos e procedimentos do ensino, mas sim estabelecer que essa parceria é uma maneira de concretizar conhecimentos evidenciando que a criança aprende diariamente, tanto na escola, quanto em casa.

Muitos pais não compreendem o sentido de ter uma função na vida escolar dos filhos, muitas vezes por terem filhos inseridos em escolas que não praticam a inclusão da família, mas é preciso entender que as famílias devem estar presentes sempre que possível, nas atividades escolares, sejam elas na participação em projetos didáticos, trabalhos pedagógicos ou até mesmo nas relações sociais que envolvam cultura, ética, valores e moral, pois entende-se que a criança reflete diretamente na escola tudo aquilo que vive e pratica na vida social fora dela, e essa educação contribui para a construção do sujeito (NETA e SILVA, 2014).

Ainda de acordo com Neta e Silva (2014), a autoestima é um fator que contribui de maneira significativa para o sucesso escolar da criança, já que, por muitas vezes, a criança terá dificuldades ao longo do processo de aprendizagem, e nas tarefas escolares, por exemplo, precisará de alguém que lhe apoie, incentive e auxilie no desenvolvimento da atividade, sendo que, é interessante ser alguém da família, pois a criança vai se sentir mais segura e capacitada para buscar aprender cada vez mais.

Dessa forma, torna-se indispensável a interação de uma parceria escola e família, ambos contribuem de maneiras distintas, mas complementares para o desenvolvimento efetivo da criança, principalmente no processo de alfabetização e letramento, na qual a criança está a todo tempo praticando habilidades de leitura e escrita, seja ela em casa ou na escola.

A boa relação entre família e escola é necessária e deverá acontecer a fim de garantir o melhor desempenho das crianças no processo de ensino e aprendizagem. Esses ambientes, trabalhando em parceria são importantes para a criança, pois agregam esforços em prol de sua formação, que encontrará estimulação, segurança e atenção por parte dos integrantes dessas duas instituições em que passa maior parte de seu tempo (ARAÚJO, VERAS e TELES, 2018, p. 2).

Por isso, é importante que haja consciência por parte da escola e também da família para o significado que cada uma possui nesse processo de aprendizagem, mas também o que as duas possuem juntas, é extremamente relevante na vida do aluno uma educação aliada a prática social em que está inserida fora da escola, para

que aconteça uma maior interação do sujeito com o meio, percebendo que estará a todo tempo aprendendo e se constituindo como cidadão.

No entanto, para que isso aconteça de maneira concreta, é preciso que o professor em acordo com a escola, propicie momentos educativos e sociais para que as famílias das crianças possam estar diretamente presentes. Isso pode acontecer por meio de inúmeras situações como: auxílio na tarefa de casa, trabalhos de pesquisas, reunião com as famílias para falar sobre propostas pedagógicas e desempenho da criança, eventos ou feiras que proporcionem apresentações das crianças sobre trabalhos desenvolvidos na escola, projetos didáticos construídos pela escola em conjunto com a comunidade escolar ou até mesmo um lanche/café da manhã com objetivos específicos que possa proporcionar uma conversa com as famílias, até mesmo para envolvê-los nas rotinas escolares, possibilitando um pouco de conhecimento sobre a vivência cotidiana das crianças.

Esses aspectos podem contribuir juntamente para a conscientização da família diante do papel desenvolvido no âmbito escolar, e o quão importante isso é para as crianças. Considerando que uma boa relação entre família e escola podem contribuir para o melhor aprendizado e desenvolvimento da criança durante toda a escolarização.

Além do mais, é importante observar também quais são os contextos familiares que as crianças trazem para dentro de sala de aula, em que momento elas sabem colocar algo que vivenciaram ou que perceberam enquanto estavam fora da escola e que trazem diretamente para uma relação com o conteúdo em que estão aprendendo? Assim sendo, é possível perceber diante da fala das crianças, os momentos em que a família estabelece oportunidades para o desenvolvimento do ensino aprendizagem da criança, seja contribuindo para o letramento ou para a escrita, favorecendo a construção do conhecimento.

2. PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que práticas de alfabetização se tornaram algo muito particular e individual, variando de acordo com a didática que cada professor alfabetizador possui. Por isso, atualmente, os instrumentos que garantem o ensino aprendizagem da alfabetização e do letramento, podem ser os mais variáveis possíveis.

Muito embora, saibamos que nem sempre foi assim e que há algum tempo métodos os quais chamamos de “tradicionais”, sobre alfabetização e letramento, consistiam em práticas repetitivas, por meio da cópia e da memorização sobre as relações entre letras e som, que reconheciam a escrita alfabética como um código a ser decodificado. A aprendizagem era vista como algo transmissor, que acontecia de maneira direta do professor para o aluno. Esse, era visto como uma “tábula rasa”, alguém que chega a escola sem nenhum tipo de conhecimento e que está ali apenas para receber informações que podem vir tanto do professor quanto do meio em que está inserido, essa perspectiva recebe o nome de visão empirista/associacionista de aprendizagem (MORAIS, 2012).

De acordo com Moraes (2012), ao longo dos anos, foi possível perceber que as práticas de alfabetização e letramento precisavam ser reinventadas, tendo em vista que os métodos tradicionais foram amplamente criticados e questionados por limitarem a prática do professor e também o conhecimento do aluno. Diante disso, foi preciso pensar: qual seria então a melhor forma de alfabetizar? Chegando à conclusão de que essa pergunta jamais terá uma resposta correta e absoluta, de modo que isso dependerá do professor e da equipe em que atua, pois inúmeros aspectos, não somente teóricos, devem influenciar diretamente na escolha da construção desse processo.

Sendo assim, uma boa prática de alfabetização não será garantida pelo exercício de um “método x” ou “método y”, como dito anteriormente, não existem respostas prontas e efetivas para o método de alfabetizar, e isso significa que não é somente a prática de anos e nem o conhecimento pedagógico repetidamente que faz um professor ser um bom alfabetizador, o que torna essa prática um exercício de excelência é a ação de estar o tempo todo reconstruindo e elaborando novas práticas de acordo com sua trajetória profissional, entendendo e respeitando sempre as singularidades da turma e das crianças (MORAIS, 2012).

O SEA (Sistema de Escrita Alfabética), conforme Morais (2012) explica, é composto por propriedades que definem o sistema de escrita alfabético, em que os alunos precisam reconstruir por intermédio do professor. Por esse motivo, é tão importante por parte do docente o conhecimento sobre essas propriedades:

Quadro 1. Propriedades do SEA que o aprendiz precisa reconstruir para se tornar alfabetizado,

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal (MORAIS, 2012, p. 51).

Por isso, visando auxiliar a prática do professor alfabetizador acerca do avanço da aprendizagem da criança durante o processo de alfabetização e letramento, a seguir serão apresentadas algumas práticas importantes que podem ser consideradas significativas enquanto instrumentos de alfabetização, contribuindo duplamente para a alfabetização e o letramento, além de auxiliar no avanço da apropriação do SEA.

2.1 A prática da leitura e da produção de textos

A prática da leitura e da escrita é um exercício fundamental e indispensável durante o processo de alfabetização e letramento, tendo como principal mediador dessa prática o professor, é necessário que a partir dele aconteça o incentivo e a prática da leitura como sinônimo de algo prazeroso e significativo, na qual a criança consiga identificar elementos comuns e interessantes que a faça criar gostos e interesses pela literatura.

Da mesma forma, isso pode e deve acontecer também com a produção de textos escritos, uma vez que torna significativo para a criança produzir textos que estejam contextualizados em seu cotidiano, a fim de auxiliar e possibilitar a criatividade em diferentes conhecimentos sobre gêneros textuais, além de avançarem em hipóteses livres de escrita. Sendo assim, de acordo com Morais (2012, p.118):

[...] se as crianças têm a oportunidade de participar de práticas de leitura e de produção de textos, aprendem uma série de características dos gêneros textuais escritos (não só relativas à “estrutura” ou organização composicional dos mesmos, mas também sobre suas finalidades, usos sociais e esferas de circulação).

A ligação da leitura com a escrita é constante e permeia todo o ensino aprendido da criança, favorecendo e contribuindo para o aprimoramento de ambos. A oportunidade de ler ou ouvir uma leitura torna o aprendizado do SEA cada vez mais reflexivo e familiarizado, possibilitando também hipóteses acerca da escrita de palavras, frases e textos. Deste modo, Antônio e Jesus (2017, p. 26) afirmam que: “A leitura é de grande importância para a aprendizagem do ser humano, porque, além de favorecer o aprendizado de conteúdos específicos, aprimora a escrita”.

Imagem 1 – Cantinho da Leitura



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A imagem acima é um exemplo utilizado para representar o incentivo da prática da leitura nos aspectos cotidianos da sala de aula. Por meio da exposição de livros, gibis e revistas, é possível dar oportunidades para que a criança desenvolva por vontade própria a prática da leitura e da interpretação de textos.

2.2 Aspectos fonológicos das palavras

Para que a criança se aproprie do Sistema de Escrita Alfabética, é importante que, durante o processo de alfabetização, ela mantenha contato direto e diário com atividades de consciência fonológica, ou seja, praticar exercícios que busquem desenvolver aspectos em que seja possível perceber sons da língua falada ou escrita. Sendo assim, inúmeras propostas no cotidiano podem propiciar momentos que evidenciem sons de letras, sílabas e palavras. Por isso, Morais (2012, p. 131) insiste que: “[...] consciência fonológica envolve também a análise de sílabas, de rimas e de palavras dentro de palavras, constituindo, portanto, algo bem mais amplo que a consciência fonêmica.”

Dessa forma, cabe ao professor alfabetizador propor com frequência atividades que propiciem momentos de reflexão em relação à palavra e ao som ao qual se refere,

e essa oportunidade pode ser dada a partir de várias formas: por meio de jogos, brincadeiras, leitura e interpretação de textos, e até mesmos nas relações diárias em que realiza pontualmente, como o calendário, rotina e durante uma contação de história.

2.3 A importância de palavras estáveis

Palavras estáveis são palavras que se tornam comum e possuem um significado importante para a criança que está sendo alfabetizada, de acordo com o autor Moraes (2012), desde as primeiras didatizações da teoria da psicogênese da escrita, atividades que trabalham com o nome próprio da criança são atividades especiais, possuem um lugar reservado no cotidiano, e por isso, inspirados nessa teoria, alfabetizadores passaram a denominar o nome próprio da criança como uma palavra estável. Porém, perceberam que não apenas o nome próprio poderia ser considerado como tal, mas que muitas outras palavras que fazem parte do cotidiano da criança podem ser consideradas como “palavras estáveis”.

De acordo com Moraes (2012, p. 136):

Determinadas palavras se tornam estáveis para um aprendiz quando ele as reconhece de memória e pode tentar reproduzi-las a partir do que memorizou sobre as letras que as constituem e sobre a ordem em que se encontram dispostas.

Dessa forma, o autor defende a ideia de que várias palavras que estão dispostas em sala de aula podem se tornar estáveis para os alunos, dentre elas são: os nomes dos colegas, da professora, da escola, de seus pais e até palavras que estão fixadas em sala de aula tornando o ambiente alfabetizador, pois tornam-se referência de buscas para as crianças, a fim de serem lidas, relidas e reescritas por repetidas vezes durante o ano letivo.

Em resumo, é de extrema importância que no ambiente alfabetizador sejam dispostas para as crianças inúmeras palavras que possam se tornar estáveis para elas, tendo em vista o auxílio que trazem para a identificação e a reflexão de novas palavras, servindo como referência imediata para a criança que está aprendendo a ler e escrever. Assim, Waltiach (2010, p.12, *apud* Teberosky e Cardoso 1989, p. 128) afirma que:

Contar com o conhecimento da escrita convencional de algumas palavras (saber como são escritas, que letras possuem e em que ordem se apresentam) é uma referência importante para a escrita de outras. Chamamos esse conjunto de palavras memorizadas e apropriadas pelo grupo de **palavras estáveis**. Trata-se de um conhecimento de base, já estabilizado, que actua como fonte de consulta para as crianças nesse momento. As crianças são capazes de escrever essas palavras antes mesmo de dominarem a base alfabética; servem, assim, como fonte de uma série de informações para seus usuários (...).

Portanto, é considerado relevante o uso de palavras estáveis compondo de maneira enriquecedora o ambiente alfabetizador, a fim de ser útil tanto para as crianças, quanto para o educador, que poderá utiliza-las em todos os momentos em que haja um contexto comum à palavra, por isso, é tão importante que haja diferentes tipos de palavras, pois conseqüentemente, servirão como material de consulta e auxílio na aprendizagem para a criança.

Imagem 2 – Exemplo de palavras estáveis



Fonte: <http://emgastao.blogspot.com/2015/06/ambiente-alfabetizador.html>. Acesso em: 24 nov. 2019.

A prática de utilizar o alfabeto ilustrado em sala de aula é exemplo de uma boa ferramenta para auxiliar as crianças no processo de construção da escrita, pois, as palavras que representam cada letra do alfabeto podem tornar-se referência de

palavras estáveis para as crianças, principalmente se a criança for autora da palavra ou do desenho representado.

2.4 O alfabeto móvel

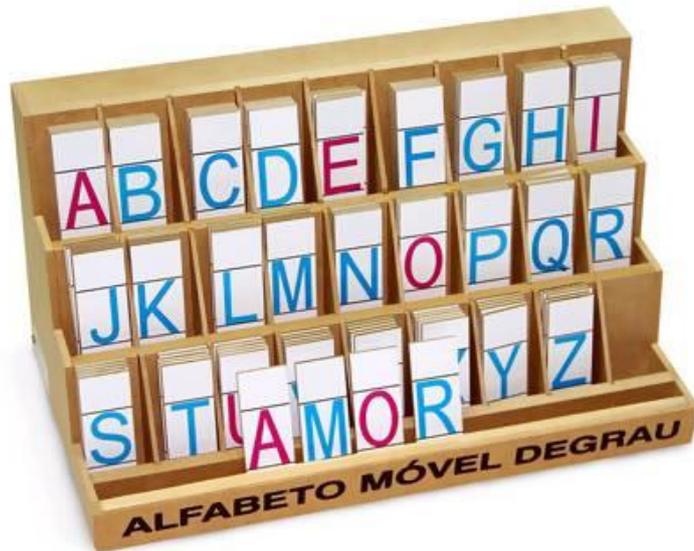
O alfabeto móvel consiste em recurso didático composto por peças soltas que representam letras do alfabeto, na qual todas elas são repetidas várias vezes com a intenção de formar diferentes palavras. Esse recurso didático pode ser feito de diferentes materiais e pode ser utilizado pelos professores alfabetizadores para enriquecer o conhecimento da apropriação do sistema de escrita, de modo que a criança consiga avançar na fase alfabética de escrita.

Conforme essa explicação, Morais (2012, p. 141) descreve umas das vantagens postas na utilização do alfabeto móvel:

O fato de dispor de todas as letras do alfabeto à sua frente também torna um pouco menos complexa a tarefa de escrever palavras, porque a criança, ao identificar as letras, pode fazer associações com experiências prévias que teve com palavras que contém a mesma letra. Ao escolher as letras que vai usar, ela se baseia em pistas – as palavras que memorizou e que se tornaram estáveis, as iniciais de palavras que memorizou, embora não saiba grafá-las por completo.

Além disso, o uso desse recurso lúdico permite uma espécie de brincadeira com as palavras, já que, por meio das letras, as palavras podem ser construídas e “destruídas”, transformadas em novas palavras, identificar o que são palavras e o que não são, tendo em vista que algumas sequências de letras não são permitidas em nossa língua, e descobrindo que muitas palavras são parecidas, compartilhando das mesmas letras (MORAIS, 2012). Sendo assim, essa é uma prática que busca auxiliar e contribuir de maneira efetiva para o avanço na aprendizagem da leitura e da escrita de crianças que estão sendo alfabetizadas.

Imagem 3 – Alfabeto Móvel



Fonte: <https://www.casadaeducacao.com.br/alfabeto-movel-em-degrau-em-madeira--letra-bastao.645.html>. Acesso em: 24 nov. 2019.

A imagem 3 representa um exemplo de alfabeto móvel utilizado principalmente no processo de alfabetização. Existem inúmeros modelos de alfabeto móvel, inclusive construídos pelo próprio professor, mas normalmente, é constituído por peças soltas que contém uma letra do alfabeto, oportunizando assim, que a criança tenha autonomia para criar palavras ou frases com as letras que desejar.

2.5 A utilização de textos poéticos da tradição popular

Sabemos que durante a infância a criança adquire muitos conhecimentos que são próprios dela, isso inclui brincadeiras infantis e populares como: cantigas, parlendas, trava-línguas, dentre outros. Normalmente, é comum que a criança chegue à escola com conhecimentos sobre alguns desses textos, pois são fortemente marcados por uma tradição que passa de geração em geração. Porém, o que se quer colocar aqui é como esses gêneros textuais podem contribuir de maneira positiva para o processo de alfabetização e letramento.

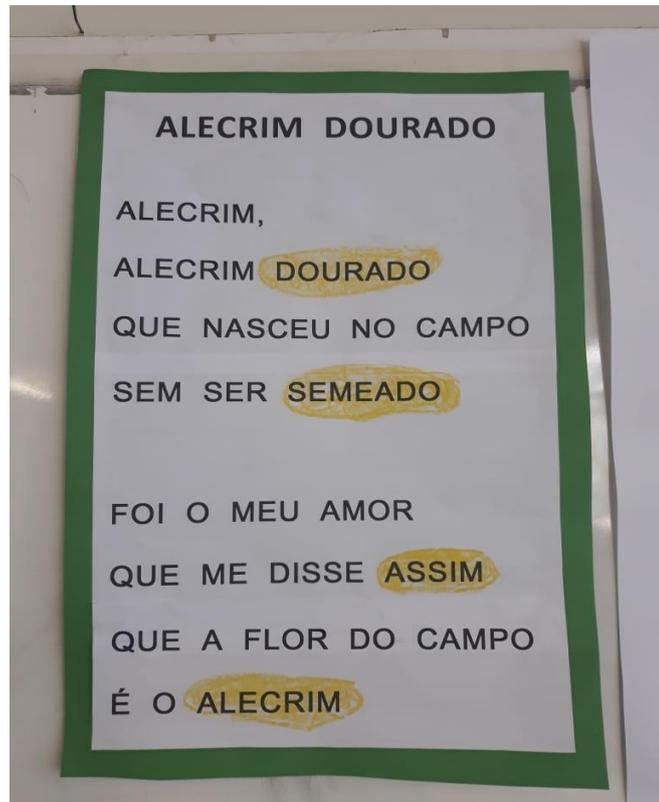
Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que esses gêneros são instrumentos valiosos para professores alfabetizadores, considerando-se que são textos normalmente conhecidos pelas crianças, e que são ditos ou cantados de maneira lúdica, seja ela por canto, dança ou brincadeira. Por isso, pode-se utilizar desses elementos para ajudar as crianças a avançarem no processo cognitivo e na reconstrução do sistema alfabético, sem fazer uso da repetição de sílabas como “ba-be-bi-bo-bu”, atuando de maneira prazerosa e significativa no processo de desenvolvimento da criança (MORAIS, 2012).

Isso posto, é possível perceber inúmeras vantagens que podem ser proveitosas no ensino aliado ao uso dessas práticas. Dessa forma, Lira ([2016?], p.5) expõe que:

[...] na fase de alfabetização, a valorização das cantigas de roda e seu favorecimento à interação entre os alunos e o ambiente escolar são destaques nesta atividade. Porque melhora-se o desenvolvimento cognitivo e corporal da criança, além de ajudar na criatividade e no enriquecimento do vocabulário.

Portanto, é por meio desses textos que a criança é capaz de explorar e descobrir enormes descobertas sobre o mundo da leitura e da escrita, como: palavras que rimam, que começam com a mesma sílaba, a prática da leitura individual ou coletiva, além da reflexão significativa dos sons de sílabas e palavras. Por isso, faz-se valioso no processo de aprendizagem da criança uma combinação entre o brincar e o aprender, meios interrelacionados que colaboram juntamente para o progresso da criança. Com isso, Farias (2013, p. 33) declara que: “Articulando o brincar ao processo de ensino-aprendizagem, é importante salientar aqui que a criança não separa o cognitivo, o emotivo, o psicológico e o psicomotor, portanto, ambos estão envolvidos.”.

Imagem 4 – Texto: Alecrim Dourado



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O texto “Alecrim Dourado” representado na imagem 4, é utilizado para exemplificar o tipo de texto que pode ser explorado quando se fala em texto poético da tradição popular. Esse é um texto popularmente conhecido pelas crianças que pode possibilitar inúmeras aprendizagens que contribuem para a alfabetização e o letramento. No capítulo 4, explora-se como esse texto contribui de maneira significativa para a aprendizagem em uma turma de alfabetização.

2.6 O uso de jogos

Ao longo da história da educação, tornou-se verdadeiro e significativo que por meio de jogos lúdicos era possível obter muito mais do que o simples prazer pela brincadeira, percebendo assim, que outros objetivos pedagógicos poderiam ser alcançados mediante o ato de brincar durante a infância, e isso inclui o período do

processo de alfabetização e letramento. De acordo com Rodrigues (2013, p. 40) o jogo pode ser definido como:

O jogo é uma importante ferramenta no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização. Durante o jogo, a criança toma decisões, resolve seus conflitos, vence desafios, descobre novas alternativas e cria novas possibilidades de invenções. Para isso, necessita do meio físico e social, onde poderá construir seu pensamento e adquirir novos conhecimentos de forma lúdica, pois há o prazer a aprendizagem.

Segundo Kahl, Lima e Gomes (2007), a brincadeira é um momento que proporciona aprendizagem à criança em todo e qualquer lugar, nos anos iniciais quando ocorre a alfabetização, o lúdico pode ser usado para despertar maiores interesses nas crianças, tornando o aprendizado mais prazeroso e significativo. A oportunidade de aprender brincando traz ao conhecimento novas possibilidades, além de incentivar a criatividade, imaginação, relações sociais e valores, fazendo com que a criança aprenda de maneira significativa.

Por meio do brincar a aprendizagem torna-se significativa por possui aspectos prazerosos e divertidos, sejam eles individuais ou coletivos. Os jogos devem estar presentes no cotidiano por possuírem um leque de objetivos que desenvolvem verdadeiramente elementos como leitura, escrita, conhecimento matemático, linguagem, relações pessoais etc., isso pelo motivo de poder ser desenvolvido e criado de inúmeras maneiras, dependendo sempre do objetivo em que se deseja alcançar (RODRIGUES, 2013).

Em Rodrigues (2013, p. 42) é possível encontrar o seguinte esclarecimento:

Em turmas de alfabetização, é fundamental que a aprendizagem lúdica permeie todo o processo de construção da aprendizagem significativa, ou seja, os jogos e as brincadeiras devem estar presentes no cotidiano escolar, possibilitando às crianças aprenderem com alegria, entusiasmo e motivando-as a fazerem o que mais gostam e sabem fazer: brincar, emocionar-se, criar, sorrir, sonhar, viver coletivamente, aprender e crescer num desenvolvimento integral.

Assim, o uso de jogos e brincadeiras torna-se mais um instrumento aliado à prática da alfabetização e do letramento, visando suas inúmeras possibilidades que permitem alcançar o ensino-aprendizagem por meio de momentos prazerosos, sejam eles em momentos individuais ou em conjunto com os pares.

Imagem 5 – Exemplo de jogo utilizado na alfabetização



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/848084173549626375/visual-search/>. Acesso em: 24 nov. 2019.

A prática da alfabetização aliada ao lúdico possibilita diversas maneiras de se aprender brincando, levando em consideração que muitos jogos já existem, mas que também podem ser criados. O exemplo da imagem 5 mostra um jogo de caça palavras por meio de materiais recicláveis, em que a criança reconhece letras, sílabas, e aprende muito sobre a escrita e possibilidades da formação de palavras conhecidas.

2.7 Leitura deleite

A leitura deleite é parte imprescindível para um bom desenvolvimento do hábito de ler e escrever, entendendo que é muito importante para a aprendizagem da criança quando ela se encontra em constante contato com o mundo da leitura e da escrita, que podem amplamente proporcionar inúmeras possibilidades de crescimento no processo de alfabetização e letramento.

Posto isto, Cobucci (2018, p. 185) apresenta as seguintes orientações acerca da leitura deleite:

A leitura deleite é uma prática de leitura proposta que seja realizada diariamente, para fruição e para criar o hábito e o gosto da leitura pelos estudantes. Pode ser realizada em voz alta, de forma expressiva, pela professora ou pelos alunos, pode ser compartilhada, silenciosa, autônoma ou coletiva, cada qual com funções diferentes, de acordo com o objetivo que se

quer alcançar no processo de ensino e aprendizagem. Pode ser realizada em qualquer momento da aula e em espaços diversificados da escola. Pode, ainda, envolver a leitura de um texto por dia ou contemplar a leitura de um livro maior, lido um pouco a cada dia.

Por isso, a leitura deleite pode estar presente em qualquer momento da aula, mesmo sem perceber, pois, caracteriza-se em momentos livres ou mediados, da leitura de textos pequenos à textos mais complexos, podendo chegar até livros. É uma prática que amplia conhecimentos e pode trazer prazer e gosto pelo hábito de ler, além de propiciar ao aluno diferentes e ricos conhecimentos literários da cultura do nosso país.

2.7.1 Contação de histórias

A contação de histórias é um recurso didático muito favorável ao desenvolvimento da criança em termos de leitura e escrita, desse modo, é muito importante e enriquece a prática do professor, fazer uso diário dessa prática como instrumento de alfabetização.

[...] a contação de história no ciclo da alfabetização, tem como objetivo instigar a leitura, escrita e a imaginação. Por meio das histórias a criança sente diferentes emoções, como: alegria, receio, aflição, incertezas e, dessa forma, a criança vai aprendendo a lidar com seus próprios sentimentos (VIEIRA, 2016, p. 12).

Segundo Cavalcante et. al. (2017), normalmente professores possuem boas afinidades na prática de contar histórias, mas, é de extrema importância que haja um planejamento desenvolvido a respeito da contação, em que o professor possa transmitir domínio sobre o assunto ao qual a história vai tratar, além de ter boas técnicas, como: entonação e criatividade, afim de conseguir usar a contação de histórias como método de novos conhecimentos por meio da interpretação do contexto, percebendo que nesse momento a criança estará a todo momento imaginando e fantasiando aquilo que desejar ao ouvir a história.

“As histórias, quando utilizadas como estratégia no processo de ensino-aprendizagem envolvem o aluno, fazendo com que ele se sinta incluído de forma ativa nesse processo, construindo o conhecimento de forma significativa.” (SANTHIAGO, 2018, p.8).

Ouvir e participar da contação de histórias é um dos grandes prazeres literários que podem ser oferecidos às crianças, compreendendo que é também por meio dessa prática que eles se sentem motivados à literatura e a descoberta de novos conhecimentos, por conseguinte, despertam interesses e gostos pela leitura, estimulam a criatividade para produções textuais, e aprendem novos aspectos que cercam cotidianamente o contexto em que estão inseridos, tendo em vista as inúmeras possibilidades de conhecimentos e culturas que as vezes somente os livros podem proporcionar. E é por meio de todas essas referências que o professor alfabetizador poderá propor diversas atividades que estimulem e desenvolvam habilidades de leitura e escrita.

2.8 Sequência didática

A sequência didática é uma prática utilizada por muitos professores, principalmente nos anos iniciais, para organizar o planejamento didático por meio de um grupo de atividades que é desenvolvido por uma progressão de conteúdos e propostas, sejam elas escritas ou orais. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 81) sequência didática pode ser definida como “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Assim, vê-se que a sequência didática é definida por um progresso, partindo do pressuposto de uma situação oral ou escrita inicial, caminhando para um resultado final. Durante esse desenvolvimento ocorrem atividades de leitura de diferentes tipos de gêneros textuais, objetivando trabalhar com os alunos a produção escrita e oral nas práticas sociais em que estão inseridos (GOMES e BARBOSA, 2016).

organizar uma sequência didática ou um projeto didático exige uma flexibilidade, no momento de execução e a partir da avaliação feita, do que foi planejado, pois a interação pedagógica influencia diferentes formas de encaminhamento do professor. Vale ressaltar que esse dinamismo não é pautado no espontaneísmo, mas, sim, numa perspectiva de revisão e aprimoramento do ato de planejar, o que promove o surgimento de novas possibilidades de condução do trabalho pedagógico, sendo que o professor precisa estar atento para definições de quais caminhos seguir, de forma estruturada (PNAIC, caderno 3, 2015, p. 26).

Ainda de acordo com o PNAIC, caderno 3 (2015), a sequência didática é um projeto que exige uma análise minuciosa dos conteúdos propostos e dos objetivos a

serem atingidos, podendo explorar de maneira profunda a interdisciplinaridade dos conteúdos, extinguindo a superficialidades dos conteúdos trabalhados. Portanto, é considerada uma experiência que, apesar de possuir princípios nos gêneros textuais, deve ser usada para trabalhar diferentes abordagens de forma complementar e auxiliar na alfabetização e, especialmente, no letramento dos estudantes.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa busca investigar quais são as práticas de alfabetização e letramento bem-sucedidas que uma professora alfabetizadora desenvolve em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública do Distrito Federal. A escolha por essa professora se fez devido a uma indicação da orientadora do trabalho, tendo em vista que uma colega estudante de Pedagogia identificou por meio da observação em uma outra pesquisa que essa professora adota práticas bem-sucedidas, resultando em uma turma que até o meio do ano já estava com quase todos os alunos com conhecimentos alfabéticos sobre o sistema de escrita, considerando assim que a professora consegue alfabetizá-los com sucesso.

Para isso, foram realizadas leituras bibliográficas que pudessem oferecer base para o tema proposto, em seguida, foi realizada observação em uma escola da rede pública em turma de 1º ano para conhecer e analisar as diferentes práticas de alfabetização e letramento utilizadas por uma professora alfabetizadora.

3.1 Questão de pesquisa

Como a professora alfabetizadora desenvolve práticas de alfabetização e letramento em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental?

3.2 Objetivo geral

Identificar práticas de alfabetização bem-sucedidas em turma de 1º ano do Ensino Fundamental.

3.3 Objetivos específicos

- Identificar concepções pedagógicas sobre práticas de alfabetização e letramento adotadas por uma professora em turma de 1º ano do Ensino Fundamental.
- Avaliar o uso de diferentes práticas utilizadas em sala de aula com uma turma de alfabetização.

- Indicar por que essas práticas de alfabetização são vistas como práticas bem-sucedidas.

3.4 Justificativa

Essa pesquisa se justifica porque a alfabetização ainda é um problema sério e relevante no Distrito Federal. Levando em consideração os dados da Alfabetização no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB³) em 2016, publicados no *site* do Inep (O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), a alfabetização é compreendida como um dos períodos mais delicados e preciosos do sistema educacional, tendo em vista que é um processo de extrema importância para a criança, pois irá gerar consequências por toda a sua vida.

A Avaliação de Alfabetização no SAEB realizada em 2016 teve como objetivo avaliar o desempenho de estudantes matriculados no ciclo de alfabetização, além de verificar também o nível das condições ofertadas pelas instituições escolares. A série indicada para a pesquisa em alfabetização foi o 3º ano do Ensino Fundamental e foram analisadas mais de 81% das escolas que ofertam esse ensino, sendo que em torno de 68% dos alunos matriculados participaram da avaliação.

De acordo com os resultados encontrados pelo Censo Escolar, um dos problemas dentro da alfabetização ainda é percebido por meio da diferença de série e idade que são encontradas dentro das escolas públicas, e essa perspectiva é considerada a partir de quando a criança possui mais de 10 anos de idade e ainda se encontra no ciclo de alfabetização, no caso dessa avaliação, no 3º ano do Ensino Fundamental, considerado de acordo com o PNAIC, como o último ano do ciclo de alfabetização. No Centro-Oeste, 12,9% das crianças inseridas no 3º ano possuem distorção entre a série e a idade, ou seja, possuem 10 ou mais anos de idade e se encontram ainda no ciclo de alfabetização, esse resultado fica abaixo apenas das regiões Norte e Nordeste.

Em seguida, o SAEB expõe os resultados que são especificados ao longo de quatro níveis na escala de proficiência, uma representação que apresenta os resultados dos alunos em termos de avanço na aprendizagem. Os resultados são apresentados por meio da análise dos quatro níveis:

³ Disponível em: <<https://medium.com/@inep/a-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-no-sistema-nacional-de-avalia%C3%A7%C3%A3o-da-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-641f31a0d8c5>>.

Descrição e Escala de Proficiência em Leitura

Nível 1

(menor que 425 pontos)

Neste nível, os estudantes provavelmente são capazes de:

- Ler palavras com estrutura silábica canônica, não canônica, ainda que alternem sílabas canônicas e não canônicas.

Nível 2

(maior ou igual a 425 e menor que 525 pontos)

Além das habilidades descritas no nível anterior, os estudantes provavelmente são capazes de:

- Localizar informações explícitas em textos curtos como piada, parlenda, poema, quadrinho, fragmentos de narrativas e de curiosidade científica, e em textos de maior extensão, quando a informação está localizada na primeira linha do texto;
- Reconhecer a finalidade de texto como convite, campanha publicitária, infográfico, receita, bilhete, anúncio, com ou sem apoio de imagem;
- Identificar assunto em textos como campanha publicitária, curiosidade científica ou histórica, fragmento de reportagem e poema cujo assunto está no título ou na primeira linha;
- Inferir relação de causa e consequência em tirinha.

Nível 3

(maior ou igual a 525 e menor que 625 pontos)

Além das habilidades descritas no nível anterior, os estudantes provavelmente são capazes de:

- Localizar informação explícita em textos de maior extensão como fragmento de literatura infantil, curiosidade científica, sinopse, lenda, cantiga folclórica e poema, quando a informação está localizada no meio ou ao final do texto;
- Identificar o referente de um pronome pessoal do caso reto em textos como tirinha e poema narrativo;
- Inferir relação de causa e consequência em textos verbais como piada, fábula, fragmentos de textos de literatura infantil e texto de curiosidade científica, com base na progressão textual; informação em textos como história em quadrinhos, tirinha, piada, poema e cordel; assunto em textos de divulgação científica e fragmento de literatura infantil; e sentido de expressão de uso cotidiano em textos como poema narrativo, fragmentos de literatura infantil, de curiosidade científica e tirinha.

Nível 4

(maior ou igual a 625 pontos)

Além das habilidades descritas no nível anterior, os estudantes provavelmente são capazes de:

- Identificar o referente de: pronome possessivo em poema e cantiga; advérbio de lugar em reportagem; pronome demonstrativo em fragmento de texto de divulgação científica para o público infantil; pronome indefinido em fragmento de narrativa infantil; e pronome pessoal oblíquo em fragmento de narrativa infantil;
- Identificar relação de tempo entre ações em fábula e os interlocutores de um diálogo em uma entrevista ficcional;
- Inferir sentido de expressão não usual em fragmento de texto de narrativa infantil.

Sendo assim, apresenta resultados compreendendo que até o fim do 3º ano seja possível alcançar o nível quatro em termos de leitura e escrita na alfabetização,

em que os alunos devem demonstrar características de interpretações e análises linguísticas mais avançadas acerca de diversos gêneros textuais.

Dessa forma, de acordo com os dados analisados em 2016, no Distrito Federal as crianças do 3º ano do Ensino fundamental encontravam-se em: 12% no nível 1, 33% no nível 2, 40% no nível 3 e apenas 16% no nível quatro. Em resumo, é possível analisar que, nesse período, poucos alunos do 3º ano alcançavam de fato o nível desejado para a série investigada, o que torna a alfabetização e o letramento processos vistos como algo que não foram construídos de maneira efetiva, tendo em vista o elevado número de alunos que ficaram entre os níveis 2 e 3, que ainda não são ideais para crianças que estão caminhando em direção ao 4º ano do Ensino Fundamental, na qual a alfabetização e o letramento ainda são instigados, mas não da mesma maneira como eram vistos e incentivados até o fim do ciclo da alfabetização.

Por isso, esta pesquisa busca investigar práticas de alfabetização bem-sucedidas, em que a professora desenvolve uma construção de conhecimentos que possibilitem o avanço da leitura e da escrita para o alcance do nível 4, compreendendo que cada turma e criança possui suas individualidades. É importante reconhecer quais são as práticas adotadas por ela que contribuem diretamente para o avanço e o desempenho dos alunos inseridos no ciclo de alfabetização, mas especificamente, no 1º ano do ensino fundamental, na qual as práticas começam a ser investidas de maneira mais efetiva e fundamentada.

3.5 Metodologia

A pesquisa desenvolvida será feita por meio de uma abordagem qualitativa, baseando-se em caráter subjetivo, busca-se identificar por observação em sala de aula, quais são as práticas de alfabetização bem sucedidas desenvolvidas por uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental, a fim de qualificar porque são boas práticas e de que modo auxiliam o processo de ensino aprendizagem durante o processo de alfabetização e letramento.

Partindo de uma observação específica que poderá nos levar a conclusões gerais, essa é uma pesquisa definida como bibliográfica, levantamento e de campo. Bibliográfica no sentido da busca de teorias, estudo de autores e leitura de livros, artigos, revistas e *sites* da internet para entender e conhecer mais sobre as diversas

práticas de alfabetização que podem ser utilizadas por professores durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, analisando que é necessário obter conhecimentos específicos acerca da área para que seja possível realizar boas práticas alfabetizadoras. Além disso, é uma pesquisa de levantamento por realizar a aplicação de questionário e entrevista semiestruturada com uma professora da rede pública de ensino, ocasionando a busca por conhecer determinados comportamentos e estratégias, se faz necessária para a conclusão da pesquisa. Por fim, a pesquisa de campo também poderá ser determinante, pois depois de estudar o teórico e recolher dados com a professora, também será de extrema relevância observar na prática da sala de aula como essas práticas são aplicadas no cotidiano escolar das crianças inseridas em turmas de alfabetização e letramento.

Além disso, as crianças também são sujeitos fundamentais para a pesquisa, por conseguinte, é mediante o avanço das crianças que é possível considerar quais são as práticas bem sucedidas na turma, inferindo-se que para serem consideradas boas práticas de alfabetização, é de extrema importância que as crianças estejam completamente inseridas nesse processo de construção do conhecimento, a fim de estarem o tempo todo aprendendo e se desenvolvendo em habilidades de leitura e escrita.

3.6 Contextualização da escola colaboradora da pesquisa

A Escola escolhida para realizar a pesquisa pertence à rede pública da Secretaria de Educação do Distrito Federal, localizada na Asa Sul. Foi inaugurada em 28 de abril de 1977 e atualmente tem 42 anos. Os alunos que frequentam a escola são, na maioria, de classe social média-baixa, a maior parte são moradores da Vila Telebrasília, alguns residem próximo à escola, outros em regiões administrativas do Distrito Federal (principalmente Paranoá) e cidades do entorno.

A Escola tem 94 alunos matriculados no turno matutino e 103 alunos no turno vespertino, totalizando 197 alunos. Atualmente o espaço físico conta com dez salas de aula, uma sala dos professores, uma secretaria, uma sala para os servidores, uma sala do SOE (Serviço de Orientação Educacional), uma sala de recursos (para atender a crianças com deficiência), um Laboratório de Informática, uma cantina, um depósito para merendas, um almoxarifado, uma sala de leitura, dois banheiros de alunos, um

banheiro para os alunos das Classes Especiais, um banheiro na sala dos professores e dois banheiros para a utilização do público em geral, da secretaria e dos vigias.

Oferece ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental, dividido por: Bloco Inicial da Alfabetização (1º, 2º e 3º Ano), 2º bloco (4º e 5º Ano) e Classes Especiais para atender a Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEEs)⁴, Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), mais especificamente, Transtorno do Espectro Autista (TEA). Totaliza, assim, 26 turmas nos dois turnos, sendo 4 turmas de 1º ano, 2 turmas no turno matutino e 2 turmas no turno vespertino.

A turma na qual esta pesquisa foi realizada foi um dos primeiros anos matutinos. Faz parte da proposta de ensino da escola o trabalho pedagógico desenvolvido com turmas reduzidas, levando em consideração a inclusão dos alunos com necessidades educacionais específicas, entendendo que precisam de uma atenção maior por parte das professoras, além de poder viver também a oportunidade da inclusão em uma classe regular de ensino além da sala de recursos.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola é muito dinâmico e contextualizado com a realidade atual, composto por diversos dados que representam os funcionários, as crianças, as famílias dos estudantes e o contexto da escola, em busca de caracterizá-la e explorar possíveis melhoras, sugestões e observações. A função social da escola é definida no PPP pelos princípios políticos do Currículo em Movimento do Distrito Federal, aprimorando assim os orientadores das práticas pedagógicas e administrativas, promovendo competências e habilidades acerca da alfabetização e letramento (Projeto Político Pedagógico, 2019).

Houve uma conversa inicial com a Diretora da escola e, posteriormente com a Professora da turma, para apresentar os objetivos e a natureza da pesquisa, as quais concederam permissão para a realização e o acesso à escola.

3.6.1 Perfil da professora

A professora da turma pesquisada tem 47 anos, é formada em Pedagogia e possui pós-graduação (especialização) em Alfabetização e Letramento. Atua como professora há 23 anos, sendo que, nesse tempo, 15 anos são na área de Alfabetização. Durante esses anos, realizou, pela Secretaria de Educação do Distrito

⁴ As nomenclaturas e siglas adotadas aqui respeitaram o uso apresentado no Projeto Pedagógico da escola participante da pesquisa.

Federal, cursos como: Pró letramento, Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), etc., todos na área de alfabetização e letramento.

Ela é uma pessoa acolhedora, carinhosa, atenciosa e prestativa com as crianças. Está sempre atenta às falas e contribuições que elas possam dar, entendendo o quão importante é o conhecimento prévio que os alunos possuem e contribuem diretamente para o enriquecimento do conhecimento na prática da sala de aula, conforme propõem Neta e Silva (2014).

Em um questionário aplicado como parte da pesquisa, a professora expõe que “escolheu” ser docente, e por isso, faz o que gosta. Sua concepção pedagógica e a da escola não seguem uma direção única, ela conceitua que a prática pedagógica se constrói a partir de um conjunto de ideias e significados que estão encadeados com a prática cotidiana em sala de aula.

De acordo com a questão 3 do questionário, em que é perguntado sua concepção sobre alfabetização e letramento, ela utiliza uma citação de Magda Soares para dizer que alfabetizar e letrar são práticas indissociáveis, apesar de interdependentes. Relata que a alfabetização e o letramento se desenvolvem por meio de práticas sociais de leitura e escrita, e se torna imprescindível possibilitar que a criança compreenda a habilidade de ler e escrever em contextos reais de sua rotina (SOARES, 2016, p. 27).

Ela reconhece a sequência didática⁵ como uma prática alfabetizadora que auxilia no trabalho pedagógico que desenvolve, pois por meio dela é possível trabalhar diversos aspectos das capacidades cognitivas, além de possibilitar a articulação interdisciplinar de diferentes conteúdos e conhecimentos. Durante a observação feita, foi viável identificar que a sequência didática é uma proposta didática que permeia o trabalho realizado pela professora, percebendo que seus planejamentos são desenvolvidos nessa perspectiva.

No que se refere a projeto de alfabetização, ela afirma que desenvolve, reconhecendo que trabalhar com essa organização pedagógica facilita para que a turma avance em termos de leitura e escrita. Apoiando tais práticas em contextos

⁵ É importante ressaltar que, durante o período de observação da pesquisa, a sequência didática foi desenvolvida pela professora como principal proposta pedagógica do planejamento, porém não foi possível acompanhar uma sequência didática inteira, devido aos dias e horários em que a pesquisa foi realizada.

sociais, ela reforça a importância da análise e da reflexão sobre o sistema de escrita e a utilização dessa linguagem para ler e escrever como objetivo principal.

Portanto, pode-se compreender que os significados que a professora alfabetizadora possui acerca da alfabetização e letramento são significados relevantes e contextualizados com a realidade em que convive com as crianças, favorecendo e priorizando a prática de alfabetizá-los de maneira bem-sucedida. Além disso, busca, por intermédio da equipe pedagógica de professores, planejamentos que favorecem o ensino e a aprendizagem das crianças no que se refere a ler e escrever de maneira funcional.

3.6.2 Perfil da turma observada

A turma observada é uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública da Regional do Plano Piloto, no Distrito Federal. A idade de todas as crianças é de sete anos de idade. A turma é composta por nove alunos, sendo cinco meninas e quatro meninos. A quantidade de alunos é reduzida devido à inclusão de duas alunas com Deficiência Intelectual e Síndrome de Down, levando em consideração que é perfil da escola a prática de turmas menores devido à inclusão de alunos com deficiência, conforme explicitado na caracterização da escola⁶.

Os alunos da turma são crianças atenciosas, prestativas, participantes e correspondem bem aos estímulos da professora. Eles estão sempre bem interessados na leitura das histórias, nas atividades propostas e em todos os outros aspectos da rotina. Participam das aulas com muita frequência, sempre lembrando coisas ditas ou ensinadas anteriormente pela professora, o que demonstra um grande interesse por parte deles para aprender e também da professora, que consegue dar continuidade de uma atividade para outra realizando relações entre os conteúdos ensinados.

Todas essas referências que fazem das crianças pessoas mais atenciosas e participantes na aula são partes indispensáveis do trabalho pedagógico da professora.

⁶ Vale ressaltar que o foco desta pesquisa é a prática da professora alfabetizadora com a turma no geral, portanto, não serão enfatizadas questões de ensino aprendizagem específicas com as crianças com Deficiência Intelectual, tendo em vista que o processo de ensino é diferente em alguns aspectos, pois ambas não possuem desenvolvimento motor para a escrita, por isso a professora utiliza de estímulos auditivos, visuais e fonológicos para incentivar e proporcionar novos conhecimentos.

Mas, além disso, o que auxilia também tanto o trabalho da professora quanto a participação ativa das crianças relembrando conteúdos já estudados, é a presença de um ambiente alfabetizador, que colabora significativamente para a retomada dos conteúdos que estão sendo construídos em sala de aula.

Portanto, é importante considerar uma definição do ambiente alfabetizador:

[...] criar um ambiente alfabetizador significa organizar a sala de aula de maneira que cada parte ofereça materiais que favoreçam a aquisição de conhecimentos: canto da leitura; materiais diversos com ilustrações e escritas (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens etc.); alfabeto ilustrado; sequência numérica; calendário; painel de aniversariantes; painel de ajudantes; listão de palavras (FERREIRO, 2007, *apud* COBUCCI, 2018, p. 185).

Dessa forma, pode-se considerar que a sala de aula observada é também um ambiente alfabetizador, por possuir inúmero elementos que a tornem assim. Sendo eles: canto da leitura, painel de aniversariantes, quadro das dezenas, alfabeto ilustrado, alfabeto em letra cursiva, calendário, ficha de palavras, mapas, materiais como: livros, revistas, jornais etc., além de textos que são utilizados durante as aulas e posteriormente colados nas paredes.

Imagem 6 – A sala de aula como ambiente alfabetizador



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Os materiais que compõem a sala de aula e a caracterizam como ambiente alfabetizador normalmente são apresentados pela professora e utilizados como referência em alguma atividade desenvolvida por ela, por isso, por vezes as crianças participam da construção desse material, ou desenvolvem aprendizagens significativas acerca dele, possibilitando posteriormente que ele fique disponível em sala de aula para que as crianças possam construir assim, referências de aprendizagem.

Imagem 7 - Elementos que auxiliam o processo de alfabetização e letramento



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ter uma sala como ambiente alfabetizador facilita e enriquece o trabalho pedagógico do professor, já que, torna-se referência tanto para o professor retomar conteúdos ou utilizar como exemplos, tanto para a criança que precisa ter sempre referências de contextos que sejam comuns para ela. Além disso, os inúmeros materiais favorecem uma convivência real com elementos que propiciam o letramento e a alfabetização dos educandos, contribuindo dessa forma para a construção dos conhecimentos.

4. A PRÁTICA DE ALFABETIZAR E LETRAR EM SALA DE AULA E NOS ESPAÇOS GERAIS DA ESCOLA

Compreendendo que alfabetizar e letrar são práticas sociais que apesar de interdependentes são indissociáveis (SOARES, 2016), é importante reconhecer que boas práticas são realizadas nos aspectos gerais da escola e contribuem de maneira significativa para a alfabetização e o letramento das crianças inseridas nesse contexto, visando, dessa maneira, práticas que vão além da sala de aula.

Uma dessas práticas está presente no momento cívico, que é realizado na escola todas às segundas-feiras logo no início da aula com todas as turmas. É uma oportunidade que as crianças têm de aprender a cantar o Hino Nacional do país e aprender mais sobre aspectos de cultura. No momento do Hino as crianças também têm contato direto com a Diretora da escola, tendo em vista que o momento cívico acontece sempre mediado por ela.

A Diretora é uma pessoa bem presente, está sempre pelos corredores da escola, disposta a auxiliar alunos, professores, monitores, coordenadores e outros funcionários. Além disso, realiza também no momento cívico não só a prática de cantar o Hino, mas também utiliza desse momento para dar avisos, recados e explicações gerais.

Em uma segunda-feira que antecedia o feriado da Proclamação da República (15 de novembro), por exemplo, a Diretora aproveitou o momento cívico para explicar aos alunos o que foi a Proclamação da República e como aconteceu no contexto histórico do Brasil. Nesse momento, as crianças participaram comentando sobre conhecimentos que já possuíam e também aproveitaram para tirar dúvidas. A professora da turma que acompanhei disse que essa é uma prática comum na escola, pois a Diretora está sempre realizando esse tipo de intervenção social para contribuir na construção do conhecimento das crianças.

Outra estratégia fora de sala de aula utilizada pela escola é oferecer às crianças uma visita semanal à sala de leitura, um espaço organizado como uma espécie de biblioteca, onde há uma diversidade de livros literários para as crianças ler, conforme orienta Carvalho, 2008, p. 87. Existe uma pessoa responsável por esta sala, e essa visita acontece também toda segunda-feira: as crianças vão até a sala de leitura acompanhadas da professora para realizar a troca de livros, pois, a cada semana que

levam um livro, têm a responsabilidade de ler e devolvê-lo na próxima semana, trocando por outro que seja do seu interesse.

Essa é uma prática muito importante, que é desenvolvida e valorizada pela escola, assim sendo, demonstram compreender o quão necessário é para a criança ter convivência frequentemente com livros que propiciem aspectos de leitura e escrita para a criança que está sendo alfabetizada. Portanto, propiciam às crianças momentos de leitura e escrita que são extremamente importantes durante todo o ciclo de alfabetização, conforme está descrito no PNAIC, caderno 5 “A oralidade, a leitura e a escrita no Ciclo de Alfabetização”.

Outra prática muito significativa e que é realizada diariamente na escola é o momento do recreio compartilhado com todas as crianças (do 1º ao 5º ano) juntas e no mesmo horário no pátio da escola. Esse é um dos momentos que as crianças mais gostam durante o período que passam na escola, principalmente porque brincam, estão com os amigos e aproveitam para fazer aquilo que mais querem de maneira livre. É importante que a escola signifique esse tipo de momento porque isso também é ensinar as crianças a conviverem em sociedade, solucionar conflitos, tomarem decisões importantes, sejam elas nas brincadeiras ou em assuntos mais reais.

Em virtude de aspectos gerais desenvolvidos pela escola como um todo é possível identificar boas práticas de alfabetização e letramento que contribuem verdadeiramente para o avanço dos alunos, percebendo que alfabetizar e letrar vai muito além da sala de aula, considerando-se que todas as pessoas presentes na escola podem participar do progresso e do aperfeiçoamento do conhecimento dos alunos.

4.1 Práticas rotineiras em sala de aula

Alfabetizar torna-se uma prática constante nas atividades da turma, isso varia desde as atividades de rotina a outras atividades mais diversas. As atividades de rotina são aquelas em que a professora realiza todos os dias, sem exceção. São elas: calendário, chamadinha, história e atividade. Normalmente, essas são atividades fixas, ou sejam, sempre acontecem antes do recreio, podendo alternar apenas nos dias em que há momentos no pátio com as outras turmas ou atividades diversificadas. Além disso, é importante destacar que a rotina é sempre escrita no quadro, para que as crianças tenham conhecimento sobre o que farão durante toda a manhã. Essa

atividade é realizada pela professora explicitando oralmente o que está sendo escrito, o que favorece aos estudantes compreenderem que a relação entre o que se fala e o que é escrito.

A utilização do calendário todos os dias é primordial para a aprendizagem das crianças que se encontram nessa faixa etária e série. A professora enfatiza que a alfabetização está presente em todos os momentos da aula, portanto, na prática do calendário, não poderia ser diferente. Todos os dias, ela começa a aula perguntando: “Que dia é hoje? Como se escreve?” Sugerindo, assim, que as crianças pensem na escrita por extenso desse dia. Pouco depois, relembra o dia de ontem e mostra o dia de amanhã, isso é importante para que a criança comece a compreender o sentido de ontem, hoje e amanhã, entendendo que é normal a troca de sentido dessas expressões nessa idade.

Então, além disso, o calendário possui um espaço reservado na sala de aula, tornando-a ainda mais um ambiente alfabetizador para a criança, logo, é composto nessa sala de aula de duas maneiras: a primeira delas é por meio de um quadro grande com todos os meses do ano, onde a professora pinta os dias de acordo com o contexto real. Ela usa uma cor diferente para representar dias diferentes, por exemplo: os dias letivos da semana, os finais de semana, os feriados, recessos etc., explicando para as crianças o que cada cor irá representar. Também utiliza fichas com os números que representam os dias, nome dos dias da semana e nomes dos meses, destacando sempre a primeira letra de cada palavra, como posto na imagem 9 a seguir.

Imagem 8 – Calendário utilizado pela professora.

CALENDÁRIO 2019

1							2							3						
JANEIRO							FEVEREIRO							MARÇO						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
		1	2	3	4	5						1	2						1	2
6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9	3	4	5	6	7	8	9
13	14	15	16	17	18	19	10	11	12	13	14	15	16	10	11	12	13	14	15	16
20	21	22	23	24	25	26	17	18	19	20	21	22	23	17	18	19	20	21	22	23
27	28	29	30	31			24	25	26	27	28			24	25	26	27	28	29	30
														31						

4							5							6						
ABRIL							MAIO							JUNHO						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
		1	2	3	4	5				1	2	3	4							1
6	7	8	9	10	11	12	5	6	7	8	9	10	11	2	3	4	5	6	7	8
13	14	15	16	17	18	19	12	13	14	15	16	17	18	9	10	11	12	13	14	15
20	21	22	23	24	25	26	19	20	21	22	23	24	25	16	17	18	19	20	21	22
27	28	29	30				26	27	28	29	30	31		23	24	25	26	27	28	29
														30						

7							8							9						
JULHO							AGOSTO							SETEMBRO						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
	1	2	3	4	5	6				1	2	3	1	2	3	4	5	6	7	
7	8	9	10	11	12	13	4	5	6	7	8	9	10	8	9	10	11	12	13	14
14	15	16	17	18	19	20	11	12	13	14	15	16	17	15	16	17	18	19	20	21
21	22	23	24	25	26	27	18	19	20	21	22	23	24	22	23	24	25	26	27	28
28	29	30	31				25	26	27	28	29	30	31	29	30					

10							11							12						
OUTUBRO							NOVEMBRO							DEZEMBRO						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
		1	2	3	4	5						1	2	1	2	3	4	5	6	7
6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9	8	9	10	11	12	13	14
13	14	15	16	17	18	19	10	11	12	13	14	15	16	15	16	17	18	19	20	21
20	21	22	23	24	25	26	17	18	19	20	21	22	23	22	23	24	25	26	27	28
27	28	29	30	31			24	25	26	27	28	29	30	29	30	31				

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Imagem 9 – Fichas para representar o dia atual.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ao falar e demonstrar nas fichas de palavras o número do dia, o dia da semana e o mês correspondente ao dia atual, a professora enfatiza o som de cada sílaba, mostrando a sílaba correspondente ao som ao qual se remete. Por exemplo: quando mostra a palavra “quarta-feira”, aponta para uma sílaba de cada vez realizando o som da sílaba, sendo assim, faz: /quar/ta/fei/ra/, fazendo com que as crianças percebam e estabeleçam uma relação do som com a escrita.

Além disso, destaca, também por meio do aspecto fonológico, sílabas em que algumas crianças parecem estar enfrentando dificuldades, por exemplo: é comum que nessa idade as crianças tenham dificuldades com as sílabas compostas por “Q”, então nesse dia a professora aproveitou a palavra “quarta-feira” para dar destaque à sílaba QUA, pois é uma sílaba em que muitas crianças ainda possuem dificuldade. Assim, mostrou também novas palavras que podem ser formadas com QUA, QUE, QUI, dando destaque ao som das sílabas. As palavras que estão postas nesse espaço reservado para o calendário podem ser consideradas como *palavras estáveis* para as crianças dessa turma de 1º ano, pois são parte fundamental da rotina à qual estão contextualizados.

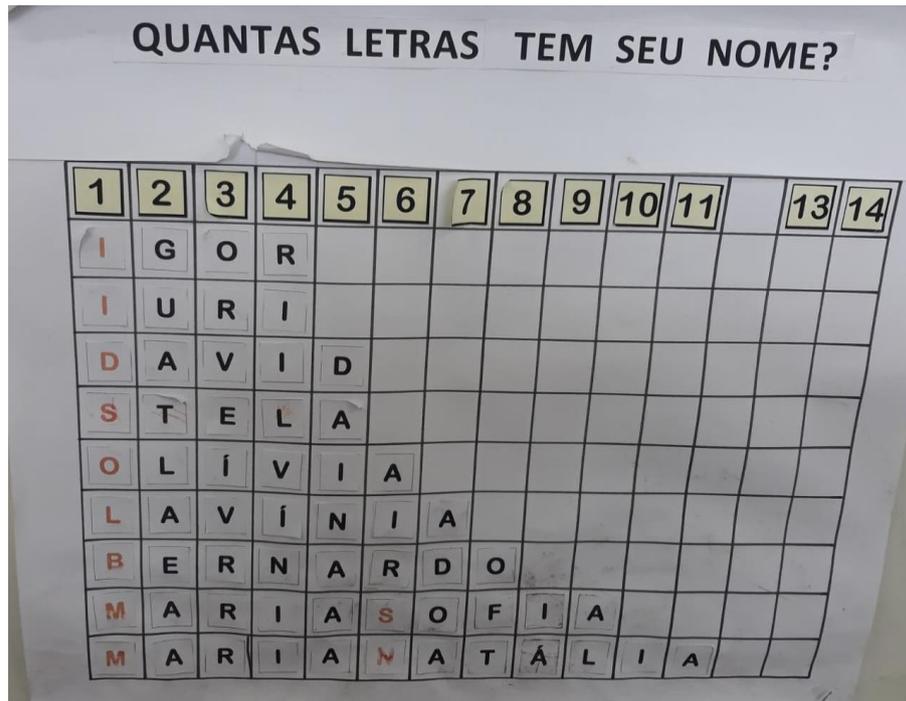
Todos os dias os estudantes também realizam a “chamadinha”, uma chamada que fica disposta próxima às fichas do calendário e é composta também por fichas com os nomes dos alunos da turma. Essa chamada é importante para perceber quem está presente e quem faltou, quantas crianças há na turma, quantos são meninos e quantas são meninas. Os nomes dos colegas também são referências importantes para as crianças, tornam-se estáveis por estarem disponíveis em diferentes contextos por vários lugares da sala, sejam eles na chamadinha, no armário de guardar atividades, no painel dos aniversariantes ou até mesmo em um cartaz que produziram para descobrir quantas letras o nome de cada um tem.

Imagem 10 – Fichas dos nomes



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Imagem 11 – Cartaz: Quantas letras tem seu nome?



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Imagem 12 – Armário para guardar atividades



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Outro instrumento muito importante que a professora utiliza todos os dias ao iniciar a aula, é a leitura de um livro literário. Todos os dias as crianças escutam alguma história, na maioria das vezes, contada pela própria professora, e, às vezes alguma criança se oferece para fazer a leitura. Inclusive, as crianças gostam muito de ler o livro para os colegas, por vezes a professora faz até uma lista para organizar quem seria o leitor da história em cada dia da semana.

Geralmente, quando a criança deseja ler o livro para a classe, a professora auxilia e orienta em relação a palavras em que os educandos têm dificuldades, não conhecem o conceito ou até mesmo quando se sentem inseguros para ler em alto tom para toda a turma. O livro é sempre relacionado com as atividades propostas que virão em seguida, devido a isso, a professora desenvolve também intervenções para explicar fatos importantes que normalmente as crianças não conhecem ou ainda diante de acontecimentos que não conseguem realizar inferências ou relações lógicas. Porém, a prática da literatura de fruição também é bastante utilizada pela professora, depende sempre da intencionalidade pedagógica.

Durante a leitura do livro, a professora também aproveita para mostrar as imagens, ler e explicar para as crianças o que é uma sinopse, o nome do autor do livro, do ilustrador, ler a dedicatória e explicar o que ela significa. Por vezes as crianças cobram quando algum desses aspectos não são ditos antes de iniciar a leitura, elas aprenderam que essas também são informações importantes que devemos saber sobre os livros.

Como visto, por meio da leitura diária de uma história, muitos aspectos são desenvolvidos para o ensino e aprendizagem da criança, visualizando-a como instrumento significativo para exploração de diferentes e inúmeros estímulos para a apropriação do sistema de escrita alfabética, além da habilidade de leitura. Assim, é possível ampliar o conhecimento literário, o vocabulário, a imaginação, a criatividade, os conhecimentos cotidianos ou científicos. Muitos livros apresentam, de maneira divertida, a explicação sobre coisas muito interessantes, por isso é que as crianças aprendem tanto por meio do uso habitual da leitura (QUEIROZ e SCHNEIDER, 2018, p. 76).

Imagem 13 – Leitura do livro literário



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

As crianças adoram conhecer as ilustrações da história, elas ficam curiosas e interagem com a história quando conhecem as imagens. É importante para a criança participar da contação da história, para que ela se reconheça como um sujeito significativo e ativo, além de auxiliar na compreensão e no entendimento da história contada.

Importante destacar que, na turma observada, de 9 alunos, 7 já possuem conhecimento escrito alfabético, com exceção apenas das duas alunas com deficiência intelectual. Portanto, as crianças já se encontram em um nível avançado de conhecimento sobre o sistema de escrita alfabética, em equivalência ao ano e idade em que estão. A professora ressalta que isso é fruto do trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo de todo o ano letivo.

A foto que retrata o momento da leitura do livro literário é apenas uma das formas em que a professora utiliza para contar a história, normalmente ela costuma variar, por vezes eles ficam sentados na própria cadeira, em outros momentos sentam todos em roda no chão e as vezes fazem como na foto, tudo isso depende da intencionalidade que há por trás da leitura do livro.

4.2 Outras práticas pedagógicas bem-sucedidas de alfabetização e letramento

Como vimos anteriormente, algumas práticas de alfabetização e letramento são reforçadas todos os dias pela professora por meio de estratégias fixas na rotina das crianças, como o calendário, a chamadinha e a leitura de livros literários. Foi observado também que a professora adota outras práticas consideradas bem-sucedidas exploradas em contextos diferentes a cada planejamento.

A professora pratica diariamente a leitura de um livro literário, na maioria das vezes como instrumento para iniciar um novo conteúdo ou para dar continuidade a algum outro. Em determinada aula, ela iniciou as atividades realizando a leitura do livro *A divertida e curiosa história do dinheiro contada por você!*, de Simão de Miranda. É uma prática da professora pedir para que, a cada dia, uma criança leia o título da história e outra leia o nome do autor, sendo assim, ela pede para uma criança que leia o título desta história, e diz: “Lembra dessa sílaba /nhe/?”. Essa tem sido uma sílaba que essa criança tem encontrado muita dificuldade para reconhecer e estabelecer som e escrita, então, a professora ressalta a sílaba da palavra para reforçar os conhecimentos, dizendo: /DI/**NHEI**/RO/.

Ao longo da leitura do livro, aparecem alguns conceitos não muito comuns à realidade das crianças, como: bens, serviços, mercadoria, imposto, escambo e moeda. A professora explica o que cada uma dessas palavras significam, à medida que aparecem na história e escreve-as no quadro também, utilizando elementos da história para praticar a escrita por meio do som que a boca faz, enfatizando as sílabas, por exemplo: /im/pos/to/.

Após o término da leitura, ela convida os alunos para irem até o quadro e realizarem a escrita de algumas palavras que foram citadas na história, como: idade antiga, bens e serviços, agricultura, comprar e vender, escambo e salário. A professora precisa realizar mediações na palavra “agricultura”, por causa do som do L, então ela repete a palavra por várias vezes, enfatizando o som da letra que pode passar despercebido pelas crianças. Outra criança teve bastante dificuldade com o R ao final da expressão “comprar e vender”, uma vez que, em geral, na língua portuguesa, o som não é pronunciado. Sendo assim, ela também realiza intervenções dando exemplos de outros verbos que terminam com a letra R, dando destaque ao som da letra. Ela utiliza palavras como: AMAR, ANDAR, PENSAR e VOAR, a criança compreende a relação e escreve com a grafia correta.

Desenvolver e realizar atividades que sejam contextualizadas com o cotidiano da criança é muito importante, conforme Behne, Cardoso e Pacini (2018) afirmam. Por isso, por meio da leitura que uma das crianças fez do livro *Minha cidade*, de Ana Neila Torquato, as crianças estudaram elementos que conseguem identificar na cidade onde moram.

Mas, antes disso, a professora elogiou com muito carinho a leitura realizada por um estudante e aproveitou uma frase do final da história para explicar a diferença do som do Ê e do É. A frase era a seguinte: “E você? Pense aí com sinceridade: O que tem na sua cidade?”. Ela explicou que, apesar das letras serem iguais, possuem sons diferentes por causa do acento agudo, e usou exemplos da realidade deles para demonstrar a diferença. Por exemplo: “Olívia e Maria Sofria lancham juntas no recreio”, “A Lavínia é muito divertida”. Explicou também que o acento circunflexo fecha o som da letra, ao contrário do agudo que abre o som, enfatizando, assim, uma das propriedades do SEA, que é demonstrar que, em algumas palavras, existem marcas como os acentos, que mudam a tonicidade ou o som das letras onde aparecem (MORAIS, 2012).

Ainda utilizando o contexto do livro lido, a professora pergunta para as crianças:

- O que é? (Indicando na história um travessão).

Um dos educandos responde:

- Não é hífen, o hífen serve para juntar duas palavras.

A professora responde:

- Isso mesmo! Isso aqui é um travessão, indica a fala de alguém em um diálogo.

Depois, a professora utiliza a narrativa da *Chapeuzinho Vermelho* (que é um livro que as crianças já conhecem muito bem por ser de tradição popular) para mostrar outros exemplos de uso do travessão, iniciando falas da Chapeuzinho Vermelho, sua Avó e o Lobo Mau.

Em seguida, questiona as crianças: “O que tem na tua cidade?”, “Onde você mora?”, dando oportunidade para as crianças responderem oralmente. As crianças citam exemplos como: padaria, supermercado, parque, quadra, cinema, escola, hospital, papelaria, sorveteria, dentre outros. Logo após essa conversa, eles registram no caderno “coisas” que conseguem identificar na cidade em que moram, cada qual

com sua realidade, trabalhando assim o gênero textual lista. A escrita das palavras foi um momento livre, os estudantes deveriam escrever como acreditavam que fossem. Quando tinham muitas dúvidas sobre como escrever alguma letra ou sílaba, procuravam a professora que, carinhosamente, repetia o som da letra/sílaba para que elas pudessem tentar compreender, assim como Morais (2012) destaca a importância do aspecto fonológico para a criança. As crianças gostaram bastante, por isso, depois fizeram desenhos também.

Foram propostas também mediante a leitura do livro *O canto do passarinho* algumas atividades que reforçam a prática da leitura e da escrita para apropriação do sistema de escrita alfabética por parte da criança. A professora pede para um dos alunos escrever no quadro o título do livro, e ele escreve: “O ANTO DO PASSARINHO”. Ela pede para que ele leia o que escreveu, ele lê da maneira como está escrito, então, a professora explica a importância de escrever o que se fala, enfatizando a sílaba CA, como: /**CAN**/TO/. Ele compreende e escreve a letra C antes da vogal A. Desenvolve-se assim, perspectivas de oralidade, leitura e escrita que são dispostas no PNAIC, caderno 5, como aspectos importantes para serem desenvolvidos durante o ciclo da alfabetização.

Além disso, a capa desse livro é formada por um boneco com formas geométricas, sendo assim, a professora aproveita essa especificidade para perguntar para as crianças que formas são aquelas, trabalhando com a interdisciplinaridade da Língua Portuguesa com a Matemática, estabelecendo conexões entre os conteúdos ensinados.

O livro literário expõe, por meio da história de um pássaro, a perspectiva de brincar com diferentes sentidos que uma palavra pode ter. A professora explica que isso pode acontecer, pois muitas palavras iguais podem apresentar sentidos diferentes e explica às crianças por meio dos exemplos:

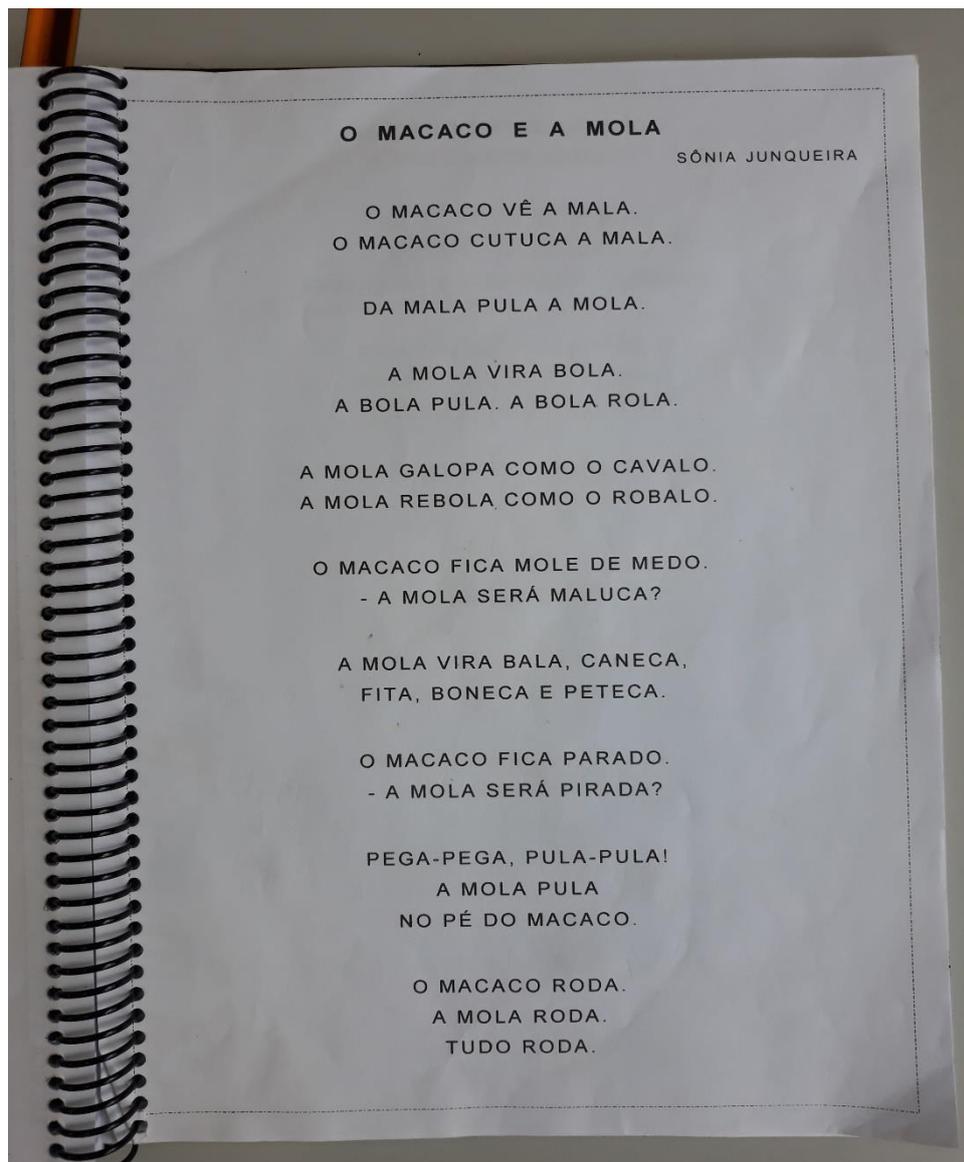
EU CANTO MAL → Cantar

QUERO UM CANTO PARA FICAR → Lugar

Logo após a explicação, ela disponibiliza um texto com o título *O macaco e a mola*, de Sônia Junqueira. Pede para que as crianças leiam o texto que tem a mesma finalidade que o livro literário lido anteriormente: uma brincadeira com as palavras com sentidos diferentes e palavras que rimam umas com as outras. Algumas crianças

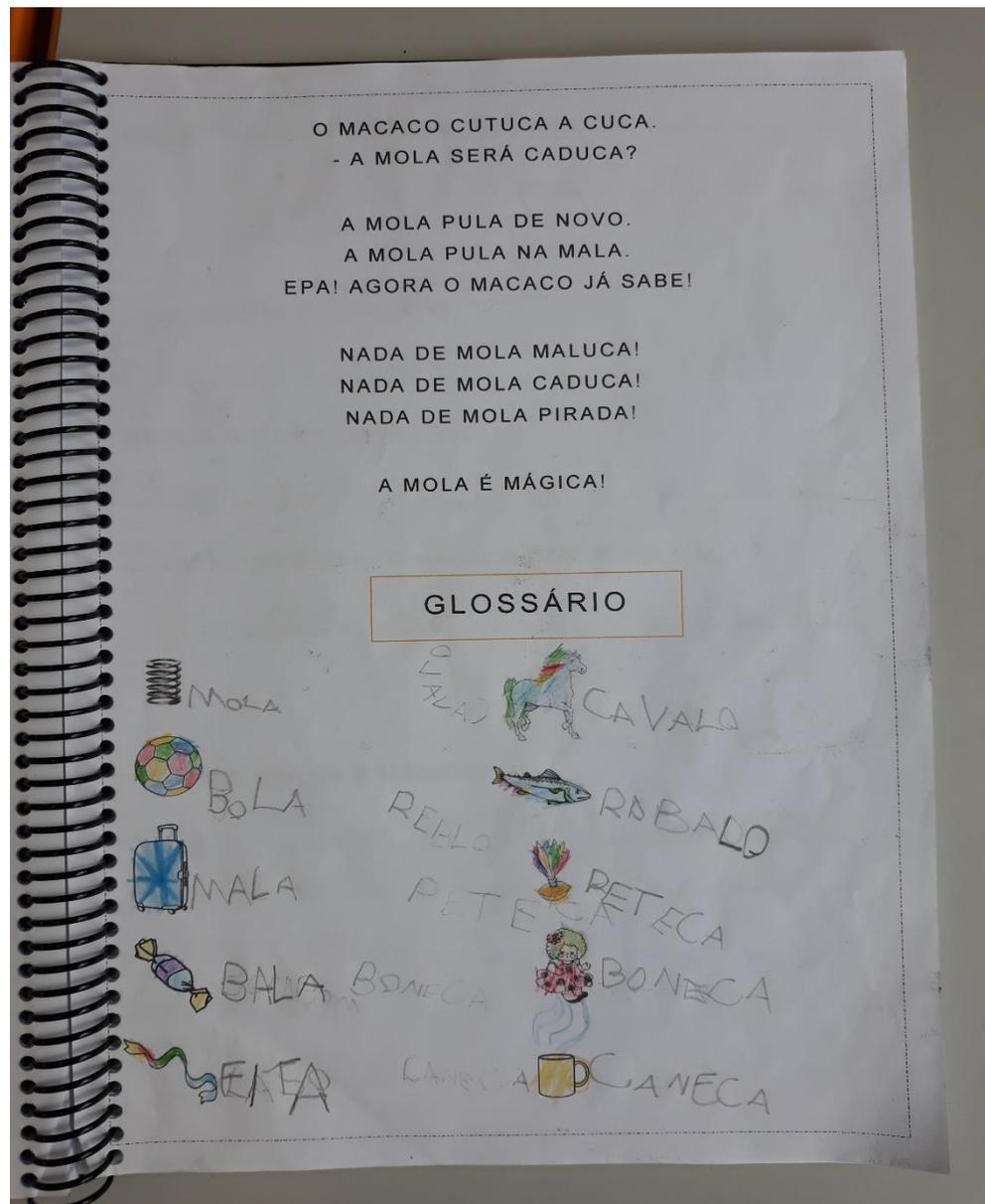
precisaram de mediação para realizar a leitura do texto, tendo em vista que as palavras que rimam causavam confusão ou dificuldade no processo de leitura. Por isso, a professora escreve algumas dessas palavras no quadro e realiza a leitura junto com a criança, indicando com o dedo sílaba por sílaba. As palavras são: ROLA, BOLA, PULA, MALA, MOLA, BALA.

Imagem 14 – Texto: O macaco e a mola



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 15 – Continuação do texto e escrita de palavras



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Assim, depois de realizada a leitura do texto, foi proposto que as crianças fizessem um glossário de algumas palavras do texto. Os desenhos estavam postos e elas deveriam apenas escrever o que cada imagem significa, contando com o apoio da escrita das palavras que estavam no texto, utilizando-o como referência para a escrita destas palavras.

No dia seguinte, a leitura de outro livro foi feita, desta vez, *Cada galho com seu macaco*, de Sílvio Costa. A leitura foi feita em roda, e antes de iniciá-la a professora questionou: “Quem conhece um ditado popular?”, poucas crianças conheciam ditados

populares, por isso, a professora mencionou alguns: “Quem não tem cão, caça com gato”, “Não adianta chorar pelo leite derramado”, “Antes tarde do que nunca”, “Há males que vêm para o bem”. Sempre que citava um ditado popular explicava o que ele significa em nossa vida real, por isso, explicou que o título do livro também é fruto de um ditado popular: “Cada macaco no seu galho”.

Posteriormente, após concluir a leitura do livro, e dando continuidade à sequência didática, a professora retoma com as crianças elementos e interpretações simples do texto que leram no dia anterior, *O macaco e a mola*. Relembrando que o macaco ficava mole de medo de algumas coisas, ela então pergunta para as crianças:

- *O que te deixa mole de medo?*

Dando oportunidade para que as crianças respondam oralmente, elas citam ideias como: montanha russa, escuro, barata, tubarão, altura etc., e a partir disso, vão desempenhar uma atividade (Imagem 16) que questiona o que os deixam mole de medo (a professora pede para que escrevam uma resposta completa, da forma como acham que é), além de relacionarem em seguida, palavras que rimam de acordo com o texto lido.

Dessa forma, compreende-se a importância que a professora dá para trabalhar com o uso de texto poéticos da tradição popular que ressignificam novas descobertas e reflexões da leitura e da escrita por meio do brincar no ensino-aprendizagem da criança. É por meio desses textos que a educadora torna significativo o desenvolvimento de processos cognitivos, emotivos, psicológicos e psicomotor, pois ambos podem estar envolvidos em uma única perspectiva (FARIAS, 2013, p. 33).

Imagem 16 – Exploração de palavras que rimam

O QUE DEIXA VOCÊ MOLE DE MEDO?

O QUE ME DEIXA MOLE DE MEDO
É ESCORPIÃO

RETIRE DO TEXTO 5 PALAVRAS QUE RIMAM.

CAVALO	RIMA COM	ROBALO
MALA	RIMA COM	BALA
BONECA	RIMA COM	PETECA
CANECA	RIMA COM	PETECA
CANECA	RIMA COM	BONECA

Fonte: Acervo pessoal, 2019

Em momento posterior, foi realizada a leitura de outro livro literário da mesma autora que o texto *O macaco e a mola*, Sônia Junqueira, que escreveu também *O caracol viajante*. A professora indicou uma aluna para ler o livro em roda, para buscar aprimorar a fluência na leitura oral, por meio da prática em sala de aula com os colegas, pelo fato de a estudante ser uma criança tímida e possuir um baixo tom de voz. As crianças relembram que essa autora foi quem escreveu ambos os títulos citados anteriormente, o que demonstra que elas estão sempre atentas às informações importantes sobre os livros.

Durante a leitura, a professora precisou retomar alguns trechos importantes que poderiam ter passado despercebido pelo baixo tom de leitura da aluna. Em um dos momentos da leitura, a estudante se vira para a professora e pergunta como se lê uma palavra, apontando para ela no livro. A palavra à qual ela se refere é a palavra PÕE, ela diz não saber ler e também não saber o que é. A professora explica o uso do acento e expõe que algumas palavras são formadas por combinações diferentes de letras, conforme explica a propriedade 10 do SEA, citada no início do capítulo 2 (as palavras são compostas por diferentes combinações de sílabas) e que, nesse caso, a palavra só tem uma sílaba e é formada por consoante, vogal, vogal (CVV).

Assim sendo, a professora percebe que é necessário explicar para as crianças não só como se lê essa palavra, mas também o que essa palavra significa, por isso, dá exemplos:

“Fulana põe o livro na mesa.”

“Fulana põe o estojo na mochila.”

“Fulana põe o caderno no lugar.”

Enriquecer a explicação de um conceito que as crianças não conhecem com exemplos do cotidiano que é comum para elas, torna mais fácil e segura a compreensão da palavra, fazendo com que se torne também ainda mais significativa.

Assim, ao terminar a leitura do livro, os alunos são questionários sobre o que esse livro trata, do que ele fala. As crianças então respondem que é sobre um Caracol. Então, a professora pergunta a um aluno:

- *Por que na palavra CARACOL o R tem esse som?*
- *Porque ele está entre duas vogais. – Responde o aluno.*
- *Qual é o nome do Caracol? – Pergunta a professora.*
- *Rodolfo. – Respondem as crianças.*

Dessa forma, a professora explica que, na palavra RODOLFO, o som do L é diferente de quando se escreve LÁPIS e LAVÍNIA. Ela lembra a um aluno quando teve dificuldade para escrever a palavra AGRICULTURA (citado anteriormente) e utiliza a palavra como exemplo também. Todos esses exemplos são dados enfatizando aspectos fonológicos das palavras (MORAIS, 2012, p. 131).

Pouco depois, a educadora propõe às crianças que façam um registro no caderno com o título “Cadê o L?”, pesquisando palavras que contenham a letra L para colar no caderno. Para tal atividade, utiliza materiais como revistas e jornais, que proporcionam às crianças contato com diversos gêneros textuais escritos, favorecendo também o letramento. Materiais como revistas e jornais são importantes para o processo de alfabetização da criança, principalmente por compor um ambiente alfabetizador (FERREIRO, 2007, *apud* COBUCCI, 2018, p. 185).

Uma das práticas de alfabetização que também é utilizada pela professora colaboradora da pesquisa e que torna o aprendizado muito significativo é o Alfabeto Móvel.

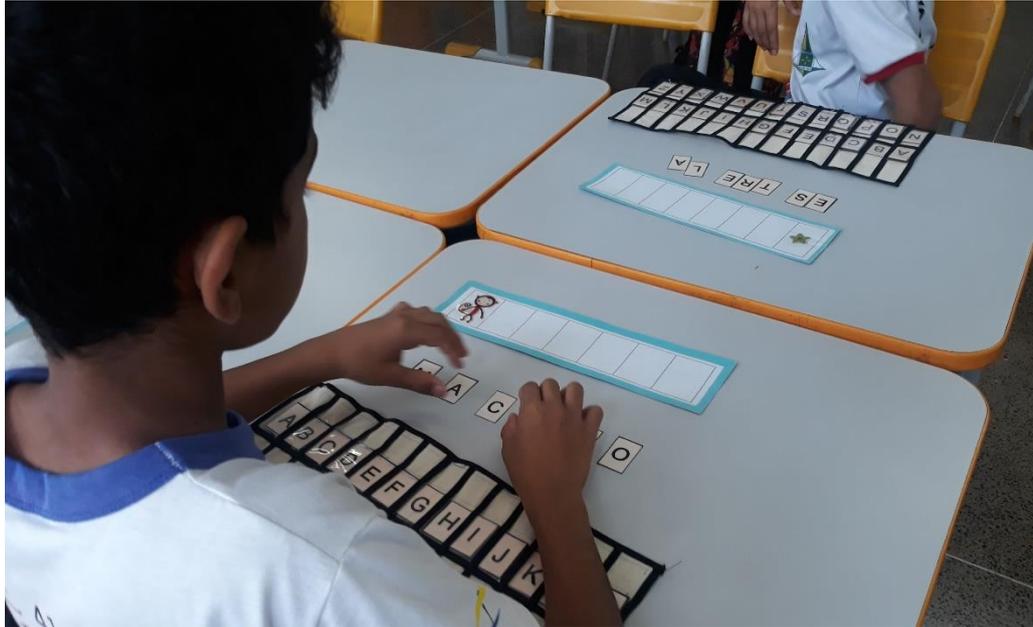
Imagem 17 – Alfabeto Móvel utilizado pela professora



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O alfabeto móvel utilizado é composto por fichas com todas as letras do alfabeto e outra ficha com um desenho e a quantidade de letras da palavra que representa esse desenho. Para começar, a professora mostra a imagem de uma ficha para a criança e pergunta o que essa imagem representa, quando a criança responde o que é a professora repete a palavra devagar dando destaque para as sílabas, por exemplo: /MA/CA/CO/.

Imagem 18 – Criança utilizando o Alfabeto Móvel



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ao conseguir montar a palavra corretamente, a professora pede para que a criança conte a quantidade de letras e em seguida que separe a palavra em sílabas, logo depois, faz perguntas: “Quantas letras têm essa palavra?”, “Quantas sílabas?”, “Qual é a primeira sílaba da palavra?”, “E a última?”. Uma das crianças fica responsável por uma ficha que tem a imagem de uma cadeira e demonstra algumas dificuldades para montar a escrita da palavra, principalmente por possuir dificuldades na sílaba em destaque: **CA-DEI-RA**.

Então, a professora monta no quadro uma espécie de brincadeira da “forca”, uma brincadeira que expõe a quantidade de espaços que a palavra vai ocupar, assim, as crianças vão dizendo letras que elas acham que fazem parte da palavra. Diante de muita mediação, as crianças conseguem montar toda a palavra, depois disso, a separação da palavra também é feita para identificar as sílabas isoladamente. Dessa forma, fica:

CA – DEI – RA

Visualizando a palavra com sílabas separadas, a professora forma novas palavras que estão no interior desta, são elas: CADEIA e CARA. Ela pede para que as crianças leiam as novas palavras e identifiquem quais sílabas ou letras estão faltando, trabalhando sempre com a palavra de maneira pausada e apontando para

as sílabas para enfatizar os aspectos de som e escrita, justamente para melhorar perspectivas sonoras e escritas que algumas crianças ainda apresentam dificuldades para representar acerca de letras ou sílabas.

Realizar leitura de textos da tradição poética popular também é uma prática que pode ressignificar o aprendizado das crianças, principalmente por serem textos que representam músicas, danças, rimas, brincadeiras, entre outros. Utilizando o texto Alecrim Dourado, a professora cantou o texto com as crianças para depois investigar junto com elas novas descobertas sobre as palavras do texto.

ALECRIM DOURADO

ALECRIM,
ALECRIM DOURADO
QUE NASCEU NO CAMPO
SEM SER SEMEADO

FOI MEU AMOR
QUE ME DISSE ASSIM
QUE A FLOR DO CAMPO
É O ALECRIM

Depois, ela iniciou a interpretação perguntando:

- *Quantas letras têm a palavra **ALECRIM**? – Contando junto com as crianças.*
 - *Quantas sílabas? – Ela conta com as crianças colocando um traço de cor diferente embaixo de cada sílaba da palavra, contando com eles três sílabas no total.*
 - *Qual a menor sílaba? – Perguntou a professora.*
 - *A letra **A**. – As crianças responderam*
 - *Quantas vogais existem na sílaba **CRIM**?*
 - *Uma. – Responderam as crianças.*
- A professora continua perguntando:*
- *Existe sílaba só com consoante?*

As crianças não souberam responder, então ela explica que todas as sílabas do alfabeto devem conter ao menos uma vogal, conforme está escrito nas propriedades do SEA.

- Existe sílaba só com vogal?

As crianças respondem que não, levando em consideração a explicação anterior, porém, a professora explica que existe sim. No caso de A-LE-CRIM, a letra A representa a primeira sílaba da palavra, ela mostra apontando o dedo para a letra.

Na palavra DOURADO outras questões são perguntadas após realizar junto à turma a separação da palavra.

DOU-RA-DO

- Qual é a maior sílaba? – Pergunta a professora.

- Quantas consoantes ela tem?

A professora então explica que existem diferentes tipos de sílabas, sejam elas uma consoante e uma vogal, uma vogal sozinha, uma consoante e duas vogais e também duas consoantes e uma vogal, entre outras. Além disso, pergunta para uma das crianças porque na palavra DOURADO o R tem esse som, e como seria a leitura da palavra se a escrita estivesse dois R. A criança responde corretamente com o auxílio da mediação que a professora faz ao realizar o som da palavra com um R só e com dois R.

Feito isso, a educadora propõe que os educandos façam juntos uma lista de palavras do texto que possuam uma única sílaba. Então eles encontram:

1. Que
2. No
3. Sem
4. Ser
5. Foi
6. O
7. Meu
8. Me
9. A

10. Flor

11. Do

12. É

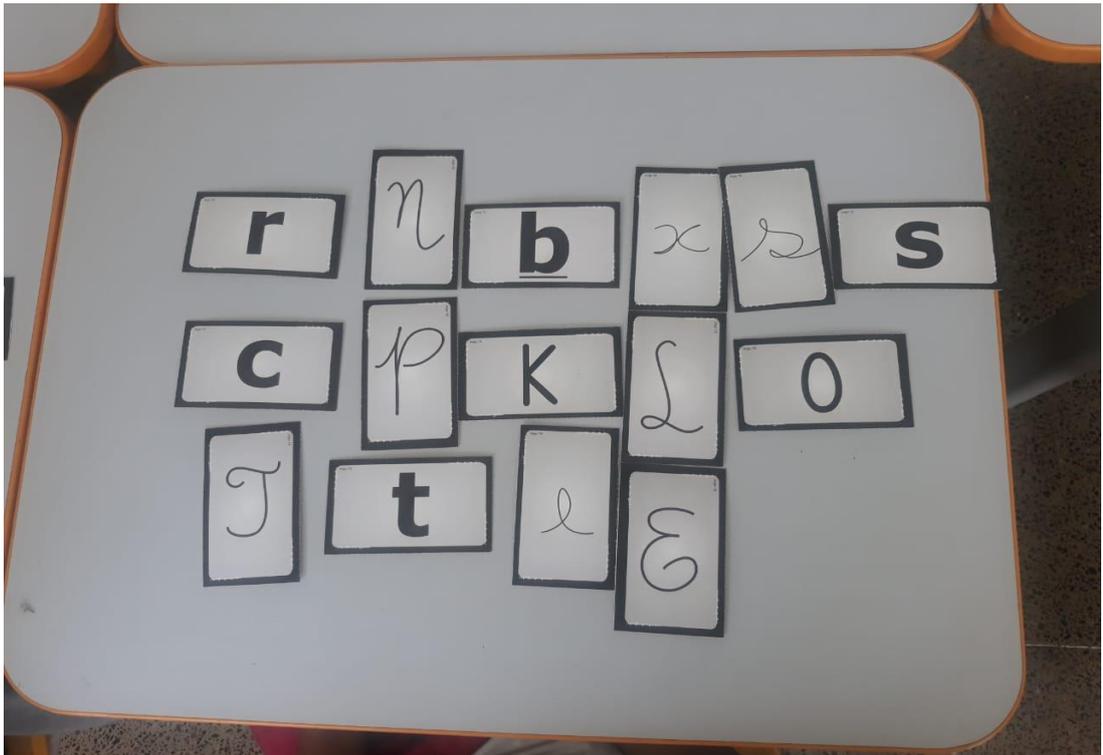
Por fim, ela sugere que eles contem quantas palavras possuem uma só sílaba no texto todo, encontrando assim, 12 palavras. Partindo desse princípio, a professora ensina que existem diversas palavras com apenas uma sílaba, mas que elas possuem diferentes números de letras. Por exemplo: **O** possui apenas uma letra, **DO** possui duas letras, **QUE** possui três letras e **FLOR** possui quatro letras, porém, todas são palavras com apenas uma sílaba.

Para explicar melhor, também mostra, escrevendo no quadro, que as palavras **ALECRIM**, **DOURADO** e **SEMEADO** possuem a mesma quantidade de letras, mas não a mesma quantidade de sílabas, pois todas possuem sete letras, mas, alecrim e dourado possuem três sílabas e semeado possui quatro. Observando com eles então que a quantidade de sílaba pouco tem a ver com a quantidade de letras.

Da mesma forma em que a professora utilizou de diversas práticas de alfabetização para ensinar às crianças propriedades importantes do SEA necessárias para tornar o ser alfabetizado, a estratégia de usar o lúdico para continuar alfabetizando também foi aplicada durante o período da observação da pesquisa.

Para tanto, brincou também com as crianças com jogo de cartas que tinha como objetivo formar um grupo com quatro cartas que possuíssem a mesma letra do alfabeto em formatos diferentes. Sentados em grupos, a professora passava com as cartas embaralhadas na mão, cada criança deveria pegar uma carta qualquer do bolo e, ao pegar a carta, a professora perguntava: “Que letra é essa?”, “Maiúscula ou minúscula?”. A criança respondia, mas quando não sabia, a professora pedia para que recorresse ao alfabeto ilustrado que fica disposto na parede da sala como uma espécie de palavras estáveis para eles. Se mesmo olhando para o alfabeto a criança não reconhecesse a letra, ela poderia ter a ajuda de outros colegas da sala.

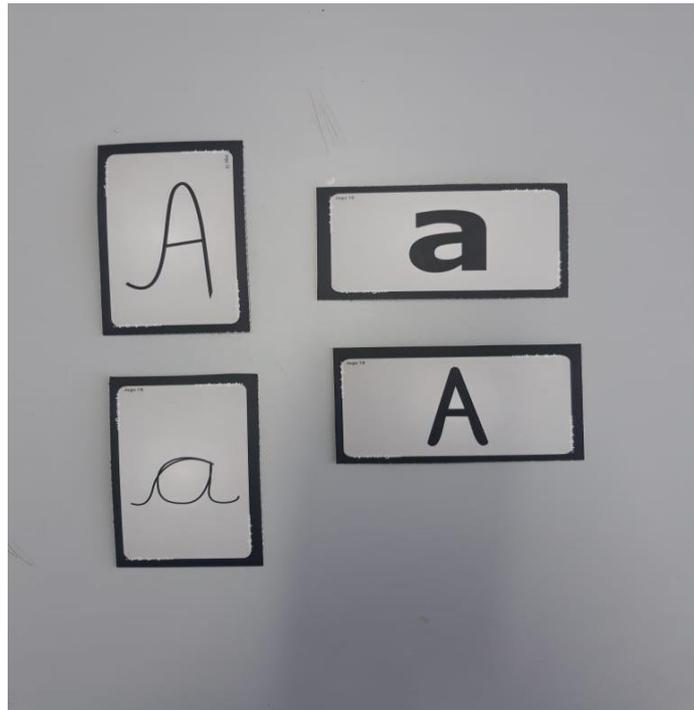
Imagem 19 – Jogo para identificar diferentes tipos de letras.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Após distribuir todas as cartas, a professora explicava que as crianças deveriam procurar nas cartas dos colegas aquelas que formariam pares com as cartas que elas possuíam, formando assim o grupo de quatro cartas da mesma letra, como mostra a imagem abaixo:

Imagem 20 – Grupo de cartas da letra A



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O jogo é importante para evidenciar uma importante propriedade do SEA: “As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade, embora uma letra assuma formatos variados [...]” (MORAIS, 2012, p. 51) e, brincando, as crianças podem começar a entender que uma letra assume diferentes formas de escrita, logo, AMOR e *amor* são a mesma palavra com tipografias diferentes.

Por isso, é importante aprender diferentes fontes e formatos de letras, uma vez que é imprescindível também saber ler as letras do alfabeto em diferentes contextos sociais em que irão aparecer, como, por exemplo: em uma revista, no jornal, no livro didático ou em um bilhete manuscrito.

Portanto, diante da observação da adoção de diversas atividades e práticas de alfabetização pela professora e dos resultados vistos na turma, em que os alunos já estão alfabetizados no 1º ano, é possível afirmar que a alfabetizadora desenvolve práticas muito bem-sucedidas e consegue alfabetizar seus alunos com muito êxito nas experiências que proporciona à turma diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho procurou-se investigar: Como a professora alfabetizadora desenvolve práticas de alfabetização e letramento em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Ao fim da pesquisa, pode-se considerar que foi possível perceber que a educadora desenvolve práticas diárias, jogos, brincadeiras, leituras deleite e aspectos fonológicos das palavras, que são práticas indicadas por autores da área de alfabetização (Morais, 2012; Soares 2016). Ela realiza essas práticas por meio do planejamento de sequências didáticas, em que consegue favorecer que todos os alunos participem com interesse da aula, levando em consideração que a turma pequena favorece a interação das crianças com a professora e das crianças com os pares.

Esta pesquisa teve ainda como objetivo geral identificar práticas de alfabetização e letramento consideradas bem-sucedidas em turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, por meio da busca referencial teórica, foi possível identificar muitas práticas consideradas como boas estratégias para uso em turmas de alfabetização, como: leitura e produção de textos como práticas frequentes, estudo de aspectos fonológicos das palavras, o uso de palavras estáveis, alfabeto móvel, jogos, dentre outras, para tornar as propriedades do Sistema de Escrita Alfabética mais concretas para os educandos. Muitas dessas estratégias foram utilizadas pela professora colaboradora da pesquisa quase todos os dias. Não foi possível observar muitas práticas de produção de texto, mas, é importante levar em consideração a interpretação de texto que era realizada a partir das leituras propostas à turma, mas o uso da própria produção de texto não foi visto durante a observação.

Foram definidos como objetivos específicos identificar concepções pedagógicas sobre alfabetização e letramento da professora colaboradora da pesquisa, além de identificar o uso de diferentes práticas utilizadas em sala de aula pela professora e indicar por que essas práticas de alfabetização são consideradas bem-sucedidas. Para isso, pode-se dizer que os objetivos específicos indicados foram cumpridos, pois, por meio da pesquisa bibliográfica e da entrevista/questionário feitos com a professora, foi possível identificar concepções pedagógicas sobre alfabetização e letramento, por conseguinte, muitas ideias e concepções identificadas na pesquisa

bibliográfica foram também citadas pela professora nas respostas dos instrumentos utilizados.

Durante as observações das aulas, foi possível identificar o uso de diferentes práticas citadas e indicadas por grandes autores da área de alfabetização, as quais eram cotidianamente adotadas pela professora, de maneira muito significativa e cuidadosa com o conhecimento das crianças. Por isso, cumpriu-se o último objetivo específico, que buscou identificar por que essas práticas são bem-sucedidas, dado que a professora estabelece ótimas relações de teoria com a prática em termos de alfabetização e letramento, além de perceber claramente o avanço das crianças em conhecimentos acerca da leitura e da escrita, verificando o interesse e a participação que os alunos sempre tinham nas práticas propostas pela educadora.

Torna-se possível, portanto, reconhecer que as estratégias contribuem de maneira significativa para o aprendizado das crianças porque eram sempre práticas relacionadas ao cotidiano delas, eram atividades e brincadeiras propostas de maneira contextualizadas, seja por meio da contação de uma história ou de algo já estudado anteriormente. Ou seja, o desenvolvimento do ensino e aprendizagem era voltado para uma perspectiva familiar, favorecendo o conhecimento por meio de perspectivas que eles gostassem, se identificassem, ou até mesmo por assuntos que gostariam de descobrir.

Essas práticas são indicadas como bem-sucedidas de alfabetização e letramento por estarem em ligação coerente também com as propriedades que o Sistema de Escrita Alfabética estabelece para que a criança se torne um ser alfabetizado, colaborando por meio da oralidade, da leitura e da escrita para que a criança receba durante o ciclo de alfabetização uma aprendizagem baseada em princípios que favoreçam verdadeiramente o uso da leitura e da escrita nas práticas da sociedade.

A pesquisa realizada apontou que a professora possui boas concepções sobre alfabetizar e letrar no 1º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista que muitas de suas respostas ao questionário conversavam com os teóricos estudados para embasar a teoria da pesquisa, como Moraes (2012) e Soares (2016). Pode-se considerar, portanto, que a educadora pratica com clareza e funcionalidade práticas pedagógicas que são consideradas fundamentais para o desenvolvimento da criança

acerca da leitura e escrita, pois, suas concepções indicadas no questionário e entrevista estão presentes no cotidiano de suas práticas, estabelecendo assim, um alinhamento entre as concepções e a prática realizada.

Para que todos os objetivos de pesquisa fossem alcançados, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa que buscou identificar de maneira subjetiva como práticas de alfabetização e letramento podem contribuir de maneira significativa no aprendizado de crianças que se encontram no 1º ano do Ensino Fundamental. Foi importante, porque considerou aspectos teóricos da área específica estabelecendo uma relação direta com a prática realizada em sala de aula, demonstrando de maneira significativa que é possível constituir uma prática bem-sucedida correspondente ao que muitas vezes vemos na Faculdade como teorias, idealizando de maneira difícil ou não correspondente ao cotidiano da sala de aula. Porém, é importante destacar que nem todas as práticas de alfabetização são consideradas bem-sucedidas, para isso, é necessário compreender a complexidade que existe na individualidade da criança e também da turma.

Além disso, na aplicação de questionário e entrevista torna-se relevante questões que a professora expõe como significativas em sua prática como alfabetizadora. A professora cita e adota como elementos de sua prática autores que são referências em Alfabetização, como Magda Soares, além de ressaltar a importância de um trabalho pedagógico realizado em conjunto com a equipe pedagógica da escola. A docente também destaca a importância da formação continuada para a sua prática sempre atualizada, pensando nas individualizadas das crianças. No questionário, ela leva em consideração inúmeros cursos que realizou, pelo PNAIC, BIA e Pró-letramento, todos na área de alfabetização.

Pode-se considerar, portanto, que tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos propostos para o desenvolvimento desta pesquisa foram alcançados com êxito, tendo em vista que a professora colaboradora da pesquisa realiza em sala de aula aquilo que propõe como teoria fundamental para a prática de alfabetizar e letrar. Assim, proporciona aos alunos um ensino aprendizagem que garante o progresso escolar da alfabetização e do letramento por meio de experiências significativas relacionadas diretamente com aspectos cotidianos da realidade explorada.

Ampliando-se para além de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, este pode ser também um material que sirva de apoio e consulta para demais professores ou colegas, estudantes de Pedagogia. Com a intenção de colaborar de maneira significativa também para um conhecimento pessoal, a experiência de realizar este trabalho foi importante para conhecer mais sobre a prática docente na Rede Pública do Distrito Federal, estabelecer conhecimentos aliados à teoria e à prática e conhecer mais sobre excelentes práticas de alfabetização e letramento.

Por isso, este deve ser um material de referência a qualquer pessoa que queira conhecer e aprender mais sobre a prática da sala de aula, pois diante de tudo que foi exposto é possível refletir sobre momentos importantes que devem ser proporcionados para a criança que se encontra nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, compreender e refletir que alfabetizar e letrar não se resumem a métodos e técnicas é uma consideração muito importante para o professor alfabetizador, uma vez que possibilita a construção de novos conhecimentos acerca de experiências significativas na prática de alfabetizar e letrar.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA Andréa Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008.

ANTÔNIO, Alzira Maria; JESUS, Kellen Padovani Ciriaco de Calais. **Da leitura à escrita: estratégias de leitura e produção textual no 3º e 4º ano do ensino fundamental**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/61052.pdf>> Acesso em: 14 set. 2019.

ARAÚJO, Leidiane; VERAS, Francisca; TELES, Damares. **A parceria da família e escola no processo de alfabetização: um olhar reflexivo sobre essa relação**. V Conedu – Congresso Nacional de Educação. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Piauí. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2018.

BATISTA, Rafael. **Importância da leitura; Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/ferias/a-importancia-leitura.htm>>. Acesso em: 09 set. 2019.

BEHNE, Marilene; CARDOSO, Elaine; PACINI, Simone. **Grupo de trabalho em alfabetização e letramento – GTAL: um mecanismo fortalecedor do processo de alfabetização e letramento na rede municipal de educação de Guaraí – TO**. V Conedu – Congresso Nacional de Educação. Universidade Federal do Tocantins – UFT, Tocantins.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 22 set. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 9.765**. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9765.htm> Acesso em: 27 set. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996.17 ed. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 12 set. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: **alfabetização em foco : projetos didáticos e sequências didáticas em diálogo com os diferentes componentes curriculares** : ano 03, unidade 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. Disponível em: <<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/98.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **A oralidade, a leitura e a escrita**

no ciclo de alfabetização. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. **Caderno de Apresentação** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização.** Caderno 03 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Larissa/Downloads/03-caderno%20(1).pdf> Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em: 1 out. 2019.

BRITO, Rebecca Tavares de Melo Toscano de. **A importância da leitura para a produção textual.** Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_4367.pdf> Acesso em: 15 set. 2019.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática,** 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAVALCANTE, Iane Adeline Barbosa. et. al. **Contribuições da contação de história na alfabetização de crianças da educação infantil.** IV Conedu – Congresso Nacional de Educação. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Ceará, 2017.

COBUCCI, Paula Maria. Direitos de aprendizagem em práticas de alfabetização e letramento. *In:* QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem.** Curitiba: CRV, 2018.

COBUCCI, Paula Maria. Muito além da alfabetização. *In:* QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem.** Curitiba: CRV, 2018.

COBUCCI, Paula e VIANA, Emely. *Práticas Bem-Sucedidas em Classe de Alfabetização,* no prelo.

DINIZ, Maria do Carmo Nascimento. A expressão da ludicidade na construção dos saberes. *In:* QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem.** Curitiba: CRV, 2018.

DINIZ, Maria do Carmo Nascimento. Culturas partilhadas, inspirando gerações pela arte e ludicidade. *In:* QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem.** Curitiba: CRV, 2018.

DUARTE, Kátia Macêdo. **O papel do professor na leitura e na escrita nos anos iniciais**: um estudo de caso com professores do 3º; 4º e 5º anos iniciais do ensino fundamental. V Conedu – Congresso Nacional de Educação. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, Rio Grande do Norte.

FARIAS, Elaine Gebrim de. **As cantigas e brincadeiras de roda como instrumento pedagógico na alfabetização**. Goiás, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7827/1/2013_ElaineGebrimdeFarias.pdf> Acesso em: 14 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

GOMES, Dâmares; BARBOSA, Tatyana. **Prática de escrita e sequência didática**: trabalhando o gênero discursivo bilhete em turma de alfabetização. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA5_ID5129_13082016123812.pdf> Acesso em: 17 nov. 2019.

KAHL, Karoline; LIMA, Maria Elza de Oliveira; GOMES, Izabel. Alfabetização: construindo alternativas com jogos pedagógicos. **Revista Eletrônica de Extensão - Extensio**, Santa Catarina, 2007, p. 1-11.

LACERDA, Flávia. **MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO**: uma observação em sala de aula de uma escola pública do Ensino Fundamental. Alexânia: UnB, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7878/1/2013_FlaviaReginaBotelhodeLacerda.pdf> Acesso em: 15 set. 2019.

LIMA, Liliana. **Interação Família-Escola**: Papel da família no processo ensino-aprendizagem. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2009-8.pdf>> Acesso em: 29 set. 2019.

LIRA, Bruna Maria Paz de. **Cantigas de rodas e parlendas**: da brincadeira para alfabetização. [2016?] Disponível em: <<file:///C:/Users/Larissa/Downloads/511-2162-1-PB.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2019.

LOPES, Terezinha. **Dificuldade de aprendizagem na alfabetização**. Curitiba: UFP, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/54018/R%20-%20E%20-%20TEREZINHA%20APARECIDA%20MARTINS%20LOPES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 15 set. 2019.

MILITÃO, Giselda Moraes de Alencar. **Alfabetização e letramento**: as práticas de leitura como recurso para a alfabetização. Londrina, Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/giseldamamilita o.pdf> Acesso em: 14 set. 2019.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**/Artur Gomes de Moraes. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino).

NETA, Emília Santana Vieira; SILVA, Débora Regina Machado. Importância da família na alfabetização da criança. **Revista Interação**, n. 2, 2º semestre de 2014. Disponível em: <https://vemprafam.com.br/wp-content/uploads/2016/11/4_A-importancia-da-familia-na-alfabetizacao-da-crianca.pdf> Acesso em: 28 out.2019.

PPP, **Projeto Político Pedagógico**, 2019. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/07/pp_ec_416_sul_plano_piloto-1.pdf> Acesso em: 24 nov. 2019.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; SCHNEIDER, Magalis Béssem Dorneles. Tecendo o olhar sobre a constituição da autonomia dos estudantes nos anos iniciais. *In*: QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem**. Curitiba: CRV, 2018.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem**. Curitiba: CRV, 2018.

RIOS, Aline dos Santos. **A prática pedagógica no processo de alfabetização**. 13 p. Educere – XII Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, 2015.

RODRIGUES, Lídia da Silva. **Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização**. 2013. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ROJO, Roxane. (Org). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. – Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

SAEB. **Sistema de Avaliação da Educação Básica**. Disponível em: <<https://medium.com/@inep/a-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-no-sistema-nacional-de-avalia%C3%A7%C3%A3o-da-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-641f31a0d8c5>> Acesso em: 6 out. 2019.

SANTHIAGO, Nayna da Silva. **Contribuições da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem com foco no ciclo de alfabetização**. Pró-Discute: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória - ES, v. 24, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2018.

SÁ, Alessandra Latalisa de. **Recepção e uso de material escrito para formação de professor alfabetizador: um estudo de caso da Coleção Instrumentos da Alfabetização**. 2010. 406 f. Tese de Doutorado (Doutor em Educação) – UFMG/FaE, Belo Horizonte, 2010.

SCHNEIDER, Magalis Béssem Dorneles; QUEIROZ, Norma Lucia Neris de. Práticas dialógicas na alfabetização. *In*: QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem**. Curitiba: CRV, 2018.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola** / tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004. -- _Coleção As Faces da Linguística Aplicada) p. 81.

SILVA, Edilânia Cardoso da; DUARTE, Sidneya Ferreira Lira. **Ambiente alfabetizador além da sala de aula**. SEMED, 2013, 14 p.

SILVA, Karoline. **Alfabetização e letramento**: da educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental. Criciúma: Unesc, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/215/1/Karoline%20Nair%20Figueredo%20da%20Silva.pdf>> Acesso em: 4 set. 2019.

SILVA, Maria Eliane da. **A importância da contação de história na alfabetização**. Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/4430/3/Alimport%C3%A2nciaConta%C3%A7%C3%A3oDeHist%C3%B3ria_Artigo_2016.pdf> Acesso em: 17 set. 2019.

SOARES, Adilma Oliveira Silva. **Alfabetização**: um olhar sobre a prática do professor. Universidade Estadual da Paraíba: Paraíba, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4167/1/PDF%20-%20Adilma%20Oliveira%20Silva%20Soares.pdf>> Acesso em: 20 set. 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo, SP: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOUSA, Luzia Costa de. Interações família e escola no processo pedagógico de alfabetização de crianças em escola pública. *In*: QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem**. Curitiba: CRV, 2018.

SOUZA, Amaralina Miranda de; MARTINS, Leila Chalub. A diversidade e a inclusão, para além da racionalidade instrumental: o aporte da Ecologia Humana. *In*: QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem**. Curitiba: CRV, 2018.

TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. A leitura literária: reflexões sobre a formação e ampliação do público leitor. *In*: QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von. (Org). **Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem**. Curitiba: CRV, 2018.

VASCONCELOS, Jessica Queiroz. **O alfabeto móvel como um recurso para o desenvolvimento da leitura e da escrita da criança**. VIII Fórum Internacional de Pedagogia. Universidade Federal do Maranhão, Maranhão.

VIEIRA, Marcelino. **A importância da contação de história na alfabetização**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/4430/3/Alimport%C3%A2nciaConta%C3%A7%C3%A3oDeHist%C3%B3ria_Artigo_2016.pdf> Acesso em: 23 out. 2019.

WALTIACH, Patricia de Fátima. **O papel das palavras estáveis na construção da língua escrita**. 2010, 225 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Querida Professora,

Primeiramente gostaria de agradecer por sua participação na pesquisa. Este questionário é para complementar a pesquisa com outras informações que julgo interessantes. Conto com a sua participação! Lembre-se que, não é necessária sua identificação. O sigilo será mantido.

Obrigada,
Pesquisadora.

Identificação:

Nome: Maria Paula Linhares Mendes de Queiroz
Idade: 47 anos
Formação: Pedagogia
Pós-graduação: Alfabetização e Letramento
Tempo de magistério: 23 anos
Na alfabetização: Mais ou menos 15 anos
Turno: Matutino

1- Professora, você gosta de lecionar? Ou gostaria de realizar outra atividade?

Faço o que gosto. Escolhi ser professora.

2- Qual a concepção pedagógica da sua escola? E a sua concepção pedagógica?

A escola não abraça uma concepção pedagógica de direção única, mas um conjunto de ideias e significados de diferentes posições pedagógicas que estão concatenados com a prática.

3- Qual a sua concepção de alfabetização e letramento?

Como bem diz Magda Soares, “alfabetização e letramento não são processos independentes” e que além de serem interdependentes são também indissociáveis. A alfabetização e o letramento desenvolvem-se por meio de práticas sociais de leitura e de escrita. O processo de ensino-aprendizagem tem que se organizar de forma que a criança possa entender a leitura e a escrita como atividades sociais significativas que envolvem o uso da língua em situações reais, através de textos significativos e contextualizados.

4- Quais práticas de alfabetização você utiliza? Você as considera importantes? Por quê?

Trabalho muito com sequências didáticas porque ajudam na organização do trabalho pedagógico. No meu entender, esta proposta didática possibilita aos estudantes um maior desenvolvimento das capacidades cognitivas, além de favorecer os seus processos de aprendizagem a respeito de diferentes gêneros textuais e torna possível também a articulação dos diferentes conteúdos e das diferentes áreas do conhecimento.

5- Você desenvolve algum projeto de alfabetização? Descreva os detalhes que considera importante no mesmo.

Sim. Nas turmas de alfabetização, a maior das prioridades é a aquisição da leitura e da escrita de modo relacionado às práticas sociais. Sendo assim, o objetivo principal de qualquer projeto tem que ser, necessariamente, a análise e a reflexão sobre o sistema de escrita e a aquisição da linguagem usada para escrever. Trabalhar de acordo com essa forma de organização do fazer pedagógico contribui e muito para que a turma avance.

6- Como os recursos didáticos utilizados em sua prática cotidiana contribuem para o desempenho de sua proposta pedagógica?

Como ferramentas facilitadoras do processo de aprendizagem.

7- Como você analisa as interações no seu ambiente escolar e no seu grupo de alfabetizadores?

O grupo de professores, na maioria das vezes, adota um trabalho de colaboração e que resulta na análise e na reformulação de algumas práticas pedagógicas. É de praxe os professores desta escola se apoiar mutuamente e olhar para os problemas e tentar solucioná-los na medida do possível.

8- Você percebe que sua proposta pedagógica está articulada com o Projeto Político Pedagógico de sua escola? Explícite as correlações que a identifiquem.

Sim. A escola segue uma proposta pedagógica construída coletivamente e esta, por sua vez, se constitui um dos pilares do nosso PPP.

9- Quais os cursos de alfabetização você realizou pela SEDF?

Pró letramento, Pnaic, BIA, etc.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PROFESSORA

- 1- Quantos alunos têm na turma?
- 2- Como eles chegaram no início do ano em termos de nível de escrita?
- 3- Qual a idade das crianças?
- 4- Como você utiliza a sequência didática nos planejamentos?
- 5- Você utiliza a sequência didática em todas as aulas?
- 6- Quais são as práticas de alfabetização que te auxiliam no processo de ensino aprendizagem?
- 7- Quais são os recursos didáticos disponíveis na sala?
- 8- As famílias são participativas?
- 9- A escola propõe boas alternativas para que as famílias participem da vida escolar das crianças?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – VIA DO(A) PESQUISADOR(A)

Esta é uma solicitação para participação na pesquisa de trabalho de conclusão de curso intitulada **“Alfabetizar e letrar: experiências significativas em turma de alfabetização”**, conduzida por Larissa Lorrana Augusto Sousa sob orientação de Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a participação como participante da pesquisa, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma e será mantido o anonimato do material produzido.

Objetivo da Pesquisa: Identificar práticas de alfabetização bem-sucedidas em turma de 1º ano do Ensino Fundamental, visando contribuir com conhecimentos na área de Alfabetização e Letramento.

Participação: ter seu material – oral, gráfico e escrito – vinculado às publicações decorrentes desta pesquisa.

Risco: Não haverá riscos para integridade física, mental ou moral.

Benefícios: As informações obtidas nesta pesquisa serão utilizadas na produção de conhecimentos na área de Alfabetização e Letramento.

Privacidade: O material será utilizado exclusivamente para fins acadêmicos e didáticos, com identificação e reconhecimento da autoria. Caso prefira o anonimato, escreva na linha abaixo o nome pelo qual deseja ser chamado(a)

Desistência: Você poderá desistir de sua participação, a qualquer momento, sem nenhuma consequência. Solicitamos que, neste caso, você entre em contato e informe a pesquisadora.

Larissa Lorrana Augusto Sousa. Email: larissousaal@gmail.com

Eu, Larissa Lorrana Augusto Sousa, expliquei a Paula Maria a proposta desta pesquisa e os procedimentos de estudo.

Brasília, 20 de novembro de 2019.

Assinatura da professora: [Assinatura]

Assinatura da direção: [Assinatura]

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
CPF: 030.111.410-50
Rua: ...
101-14 Direção Municipal 01000-000

APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

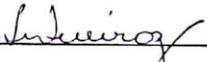
**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS**

Eu Monia Paula Linhares Mendes,
autorizo o uso de minha imagem utilizada para fins pedagógicos da pesquisa
da Universidade de Brasília com o título “**Alfabetizar e letrar: experiências
significativas em turma de alfabetização**”, de responsabilidade da
pesquisadora Larissa Lorrana Augusto Sousa.

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos e
não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Número de telefone fixo/celular: (61) 981649394

Brasília, 20 de novembro de 2019.

Assinatura do responsável: 

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Eu sempre fui uma criança que sonhava em ser professora, motivada por ter essa profissão como uma referência na infância, muitos anos depois, decidi que gostaria de seguir os caminhos da docência. Não foi uma escolha fácil, mas, hoje depois de entender alguns planos de Deus compreendo que não fui eu quem escolheu a Pedagogia, mas foi ela quem me escolheu!

Com certeza a graduação foi um grande desafio, mas, foi um desafio que me ensinou do início ao fim. Conhecer a Pedagogia e todas as suas possibilidades de transformação de mundo por meio das crianças, me fez ter cada vez mais certeza de que eu estava no lugar certo. Porém, para que isso fosse de fato concretizado em minha vida, muitas experiências exteriores aos corredores da Faculdade de Educação também contribuíram de forma indescritível.

A escolha desse tema para realizar o meu tão sonhado Trabalho de Conclusão de Curso se deu devido à importância que eu atribuo ao trabalho de um pedagogo que se despede da Faculdade em busca de uma sala de aula. Conhecer práticas de Alfabetização e Letramento é aprender sobre ensinar com amor, ternura, afeto e compaixão, e mais do que isso, é aprender também todos os dias a como ser melhor nos aspectos humanos e reais da vida.

Atualmente, me despeço da faculdade com um sentimento de dever a ser cumprido e com um enorme desejo de aprender cada dia mais para compartilhar novas descobertas. Desejo ir em busca de construir mais conhecimentos sobre áreas específicas do curso, pois acredito verdadeiramente no quão necessário isso se torna para enriquecer a prática do professor.

O conhecimento de um professor não acaba, ele precisa estar sempre em busca de constantes mudanças para atender às necessidades e exigências dos novos séculos, por isso, daqui em diante eu desejo sempre aprender mais. Sigo em busca de poder exercer todas as práticas de excelência que conheci, compreendendo a importância que há em alfabetizar e letrar crianças de maneira significativa. Sigo feliz com tudo que aprendi e ressignifiquei.